

"2001: Uma Odisséia no Espaço" Chega em 2001

# MEGALON

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

ANO XIII

NÚMERO 61

JUNHO 2001



Em 10 anos de existência do  
**PRÊMIO NOVA**, 7 vezes  
premiado "melhor fanzine".

## MEGALON

*ficção científica & horror*

Uma publicação independente e não-profissional ligada à Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF). Tem por objetivos divulgar e desenvolver a ficção científica, horror e fantasia do Brasil. Aceitamos colaborações que ficam sob análise do editor. Os trabalhos publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem jus a qualquer tipo de remuneração. Os direitos autorais permanecem com os autores e os conceitos por eles emitidos não refletem, necessariamente, os do editor.

Ano XIII Número 61  
Junho 2001

### Editor

Marcello Simão Branco

### Fundadores

Renato Rosatti  
Marcello Simão Branco

### Colunistas

Cesar Silva  
Gerson Lodi-Ribeiro

### ENDERECO

Av. Clara Mantelli, 110  
04771-180 São Paulo, SP  
BRASIL

E-mail: [msbranco@uol.com.br](mailto:msbranco@uol.com.br)

### ASSINATURAS

Exemplar avulso por R\$ 4,50  
Quatro edições (anual)  
por R\$ 17,00  
Cheque em nome de  
Marcello Simão Branco.

Edição concluída em  
7 de junho de 2001.

# Índice

## Especial 2001

■ Ilustração de capa, Edgar Franco	
■ Editorial: * 2001 Será Sempre Ficção Científica	3
■ Os Mundos Perdidos de 2001, Jorge Luiz Calife	9
■ Impressões e Expressões de 2001: * Alexandre Yudenitsch, Alfredo Keppler	11
* Ataíde Tartari, Cesar Silva, Eduardo Torelli	11
* Eduardo Torres, Gerson Lodi-Ribeiro	12
* Jorge Luiz Calife, Lúcio Manfredi	12
* Marcello Simão Branco, Octávio Aragão, Renato Rosatti	13
■ Quadrinhos: * Monolito em Ipanema, Jaguar (1968)	14
■ Ilustração: * Cão Fila Km 26, Franz P. Oeckaro	18
■ Contracapa, Edmilson R. Corrêa	

## ficção

■ O Mundo Politicamente Incorreto, Roberval Barcellos	19
■ Presente de Mãe, Jorge Nunes	26
■ Segredo de Confissão, Federico Schaffler (México)	30
■ O Apagão que Veio do Céu, Carlos Orsi Martinho	35

## artigos

■ O Efeito Hoen, Braulio Tavares	16
■ As Antologias Temáticas da Ficção Científica Brasileira, Roberto de Sousa Causo	24

## seções

■ Diário do Fandom	4
■ Publicações Recebidas	8
■ Terras Alternativas – Gerson Lodi-Ribeiro * Incas Alternativos	33
■ Arte Fantástica Brasileira – Cesar Silva * Eventos, Concursos e Perspectivas	36
■ Correio Cósmico * Edgar Franco, Roberto de Sousa Causo * Cesar Silva, Alexandre Yudenitsch	38 39

## ilustrações

■ Alexandre Schapel	29
■ Cesar Silva	10
■ Kleber Inácio Luz	32

## 2001 Será Sempre Ficção Científica

É isso mesmo: ao chegarmos ao ano emblemático da ficção científica, a constatação de fãs e especialistas é de que o filme *2001: Uma Odisséia no Espaço* ficou além do que vivemos hoje no ano de 2001. Não temos vôos comerciais para uma estação espacial muito maior e mais complexa que esta que está sendo construída, não temos uma base na Lua, não dispomos de tecnologia e dinheiro suficientes para enviar seres humanos para Júpiter. E não temos também um computador do nível intelectual de Hal 9000. Mas não é só: o sentimento é de decepção não tanto por não igualarmos *2001*, mas por, de certa forma, termos renunciado ao objetivo de conquista e exploração do espaço, tal qual, existia nos saudosos anos 1960. Felizmente, contudo, não temos mais aquele ambiente maniqueísta e politicamente suicida da Guerra Fria que, afinal de contas, foi o verdadeiro catalizador da chamada corrida espacial. Sem nunca esquecer que vivíamos aqui no 'Brasil varonil' sob as botinas de milicos estúpidos e reacionários.

Esta edição do *Megalon* comemora a chegada do filme *2001* ao ano de 2001. Alguns podem estranhar abordarmos só agora o assunto, mas as razões não faltaram. Para começar, *2001* estreou mundialmente dia 2 de abril de 1968 em Washington, capital dos Estados Unidos. Está mais de acordo com a segunda edição do *Megalon* do que a primeira, que embora lançada oficialmente em março, foi produzida em janeiro e fevereiro. Ademais para fugir um pouco do boom sobre o assunto registrado nos três primeiros meses deste ano. E, por fim, porque produzimos uma edição temática no fim do ano passado e emplacar uma segunda edição temática seguidamente, demanda muito mais trabalho.

A edição está recheada de atrações para os fãs de *2001*. Belíssimas ilustrações de capa e contrapa sobre o filme, a primeira colorida desenhada por Edgar Franco e a segunda em preto e branco, desenhada pelo talento emergente do Edmilson Corrêa. Um artigo do Calife sobre as heranças que a obra deixa, com algumas informações quentes e surpreendentes, que só um jornalista bem informado poderia nos dar. Doze das mais expressivas vozes da nossa ficção científica, entre escritores e fãs, escrevem sobre o que sentiram ao ver *2001* pela primeira vez e como o encaram hoje, no ano fatídico que finalmente vivemos. Uma preciosidade: tiras do legendário cartunista Jaguar sobre uma visita das mais insólitas à Ipanema, Rio de Janeiro. Originalmente publicada no jornal rebelde e anárquico, *Pasquim*, o trabalho está visivelmente datado, mas até por isso é mais curioso e interessante, pois retrata a visão da época em que o filme chegou ao Brasil e como parte da intelectualidade carioca encarou a película.

Optei por não intelectualizar a edição sobre *2001*, pois o que já se escreveu e publicou sobre o filme com análises, ensaios e reflexões das mais interessantes não está no gibi — aliás, num gibi nunca deve ter estado mesmo. Seria, pois, um pouco redundante. Temos aqui informações, depoimentos e impressões intimistas de quem conhece, curiosidades e também humor. Tiração de sarro que vai além das tiras do Jaguar, com uma ilustração engraçadíssima, de uma época, aqui em São Paulo, em que se via em todas as principais avenidas e locais da cidade o famigerado: "Cão Fila Km 26". Quem é paulistano ou mora em São Paulo há pelo menos 20 anos, certamente lembra deste bordão — que agora, no ano de 2001 aqui na capital paulista, vive às voltas com o tal "Obrigado Santo Expedito Pela Graça Alcançada"...

Antes que esqueça: quero deixar aqui meus agradecimentos aos fãs Christiano Nunes e Álvaro Ricardo de Souza Júnior pelo envio das tiras do Jaguar, o primeiro e da preciosa ilustração "Cão Fila Km 26", o segundo. E especialmente ao Álvaro pelo trabalho enorme e paciente que teve em retocar e reconstruir as tiras do monolito em Ipanema.

Mas o *Megalon* não é só *2001*. Temos artigos de gente do nível de Bráulio Tavares e Roberto de Sousa Causo, as colunas de Gerson Lodi-Ribeiro e Cesar Silva, mais quatro contos inéditos, de Jorge Nunes, Carlos Orsi Martinho, Roberval Barcellos e Federico Schaffler, este do México. E não é só: temos a estréia da subseção 'Internet' no "Diário do Fandom", desde já a mais completa entre os fanzines brasileiros de ficção científica.

Divirta-se com o sexagésimo primeiro número do mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica. Leia, envie seus comentários para a próxima edição, e não esqueça de rever mais uma vez a obra-prima *2001: Uma Odisséia no Espaço*. Para sempre nos lembrarmos que poderíamos estar vivendo dias mais gloriosos e empolgantes do que os do 2001 real, de uma melancolia espacial que nem o mais cético poderia prever lá no fim dos anos 1960: tempos de *2001* e da chegada do homem à Lua.

— Marcelo Simão Branco

# Diário do Fandom

## nacional

□ **Publicação nos States** — O escritor brasileiro de ficção científica Ataíde Tartari teve seu livro de aventura com elementos de FC, *Amazon* publicado nos Estados Unidos. O livro chega por lá depois de alguns anos de edição e revisão por agentes literários contratados pelo autor. O livro, uma edição em paperback, com direito a foto de Tartari na contra-capa, será distribuído pela Amazon Books e Barnes & Noble, duas das maiores distribuidoras/editoras dos EUA. Tartari é o primeiro autor brasileiro de FC a publicar um romance em inglês no mercado americano. Para quem lê em inglês, ele pode ser encontrado na Amazon.com. Basta digitar "ataide" no campo de busca do site. No site da editora (www.iuniverse.com), porém, é possível ver a capa, a sinopse e ainda folhear umas páginas.

□ **Indicação a prêmio internacional** — A escritora brasileira de ficção científica Carla Cristina Pereira também conseguiu um feito inédito para a nossa FC: é finalista de um prêmio internacional de FC. Seu conto "Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança", concorre aos Sidewise Awards, o mais expressivo prêmio de história alternativa. O conto foi publicado em português na antologia *Phantastica Brasiliana* (Ano-Luz, 2000) e em inglês pela revista australiana de FC, *Altair*. Torçamos por ela!

□ **Martinho vence em Portugal** — O escritor brasileiro Carlos Orsi Martinho, com a noveleta "Eu Amo a Miha Mulher, é o vencedor do concurso Turno da Noite de Contos de Horror, promovido pela Simetria, a associação portuguesa de FC. Martinho receberá 50.000\$00 (escudos), receberá o CD-Rom *Stephen King F13*, além de ser publicado em Portugal e na próxima edição do *Megalon*. O segundo colocado foi o escritor português Ricardo Rebelo, com o conto "Negócios de Peles", que também deverá sair em breve no *Megalon*. Receberam menções honrosas, os autores brasileiros Simone Saueressig, com o conto "A Sombra" e Carlos Gregório com o conto "Limbo". A autora portuguesa

Ana Vasco, que esteve no Brasil ano passado para o lançamento da antologia *Lugar de Mulher é na Cozinha*, também recebeu menção honrosa por seu conto "Condução Perigosa".

□ **FC no Jabuti** — *Síndrome de Quimera* de Max Mallmann é um dos dez finalistas, na categoria romance, do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Em um prêmio com este prestígio, a simples indicação já é uma vitória. A obra está tendo uma recepção bastante boa, tanto de crítica quanto de público. Nos primeiros três meses desde o lançamento, o livro vendeu quase 1.300 exemplares (1.262, para ser exato). A tiragem foi de dois mil.

□ **'Briga' pelo CLFC** — A *Sci-Fi News* e a *Quark*, duas das três revistas de ficção científica nas bancas de jornais do País — a terceira é *Dimensão X* —, tem disputado arduamente pelo apoio editorial do Clube de Leitores de Ficção Científica. A *Quark*, firmou um convênio de envio de contos para a revista, sob os cuidados de Marcello Simão Branco. Já a *SF News* disponibilizou duas páginas de cada edição para o CLFC divulgar suas atividades e a literatura brasileira de FC. Esta revista resuscitará também o Concurso Nautilus, antes organizado pelo fanzine *Intrepid* (mais detalhes na página XX) e lançará em junho no mercado a revista *Sci Fi News Contos*, a primeira tentativa editorial de publicação de uma revista de contos desde 1992, com o fim da *Isaac Asimov Magazine*, da Record. Esta nova revista também contará com a indicação e seleção de contos pelo CLFC. Este espaço que o CLFC e a ficção literária tem tido nestes últimos meses, deve ser um reflexo da boa aceitação dos contos na *Quark* e ao fato do dono da *Quark* e o editor da *SF News* serem sócios do CLFC: Marcelo Baldini e Fábio Barreto. Além disso, outro sócio do CLFC, Gilberto Schoederer está se aventurando com a *Dimensão X*, esta ainda sem contos. Contudo, a rivalidade entre a *Quark* e *SF News* não tem se restringido aos melhores trabalhos literários: elas têm brigado publicamente nas editoriais de suas revistas, reivindicando uma "melhor parceria" com o CLFC. A iniciati-

va das duas revistas em publicar contos só pode merecer elogios e elas mostram sincero interesse em publicar histórias de qualidade ao procurar a assessoria do CLFC, mas só espero que estas rusgas não prejudique os projetos no futuro.

□ **Reeleição** — O presidente do CLFC Gerson Lodi-Ribeiro anunciou sua intenção de concorrer à reeleição em pleito que acontece em setembro próximo. Ele pretende compor a chapa com os atuais membros da diretoria (Humberto Fimiani, secretário-executivo e Matias Perazoli, tesoureiro). Assim sendo, respiram aliviados os sócios mais ativos do Clube, pela existência de, ao menos, uma chapa concorrente, coisa que era muito difícil de acontecer há alguns anos.

□ **Doença grave** — O escritor Patati, autor dos livros de FC *A Sorte dos Girinos* e *A Guerra dos Dinossauros* (este de HQ), mais conhecido entre os fãs internautas, está internado num hospital do Rio de Janeiro com uma crise de pancreatite. O autor, aos 41 anos, é bastante atuante também na comunidade de quadrinhos brasileira, tendo defendido uma dissertação de mestrado sobre o personagem Batman. Fica registrada aqui a notícia e, mais que isso, a sincera torcida por sua pronta recuperação. Força Patati!

□ **Biblioteca Fantástica** — Foi lançada pela Hugin Editores, uma nova coleção portuguesa de ficção científica e fantasia, dia 11 de abril, num evento em Lisboa. Esta série de livros publicará exclusivamente autores lusos, variando entre o clássico e o contemporâneo. Veja os títulos programados até o momento: *Contos Místicos*, por Maria de Menezes; *Contos Fantásticos*, por Teófilo Braga (1865); *Sete Histórias por Acontecer*, por Luísa Marques da Silva e *Memórias de um "medium"*, por João da Rocha (1900).

□ **Gaiman no Rio** — O escritor de FC&F e consagrado roteirista de HQs, Neil Gaiman esteve no Rio de Janeiro, para participar da Bienal Internacional do Livro. Esteve na cidade nos dias 19 e 20 de maio, autografando suas obras e proferindo palestras.

□ **Cronenberg em Sampa** — O prestigiado diretor de cinema canadense David Cronenberg estará no Carlton Arts, festival vanguardista criado pelos mesmos organizadores do Free Jazz Festival. Ele vem acompanhado de artistas como Karlheinz Stockhausen, compositor alemão e um dos papas da música eletrônica, o teatrólogo canadense Robert Lepage, e a coreógrafa brasileira Renata Melo, no evento que será realizado entre 25 de junho e 1o de julho, em São Paulo.

## internacional

□ **Clarke no Oscar** — O escritor Arthur C. Clarke participou ao vivo da cerimônia de entrega do Oscar 2001, de sua mansão em Sri-Lanka: estava em uma cadeira-de-rodas à frente de uma paisagem lunar. Ele entregou o Oscar para melhor roteiro adaptado que foi para *Traffic*, de Steven Soderberg. Mas não só: a festa de abertura do prêmio começou do espaço, com três astronautas ao vivo da Estação Espacial Internacional apresentando Steve Martin, o mestre de cerimônias deste ano. Hollywood acertou em cheio: entrou no clima espacial do ano de 2001.

□ **Papa vê 2001** — A reestrela mundial do clássico *2001: Uma Odisséia no Espaço* aconteceu no Vaticano no dia 2 de abril — exatamente 33 anos depois da estreia mundial do filme. O papa João Paulo II teve o privilégio, ao lado da viúva do diretor Stanley Kubrick, Christiane Kubrick, e a filha do casal, Anya. Esta preferência não é apenas pela figura do papa, mas também porque *2001* é o filme favorito de João Paulo II.

□ **Morre Douglas Adams** — O popular autor inglês da série *O Mochileiro das Galáxias*, faleceu dia 11 de maio, em Santa Barbara, Califórnia (EUA), de ataque cardíaco, aos 49 anos. O mais curioso é que uma das mais bem-sucedidas peças de humor na literatura de FC, teve sua origem em um programa de rádio, na BBC em 1978. Devido ao sucesso do programa cômico-espacial, ganhou uma produção em série de TV e, só depois, em 1979, chegou às livrarias uma novelização, que alcançou também enorme sucesso, inclusive no Brasil. A editora Brasiliense publicou quatro dos cinco livros da série: *O Mochileiro das Galáxias*, *O*

*Restaurante do Fim do Universo* (1980, no original), *Vida, o Universo e Sabe-se lá o que Mais* (1982) e *Até Mais, Valeu o Peixe* (1984). O quinto, ainda inédito no Brasil, é *Mostly Harmless* (1992). A série satiriza situações e personagens típicos das histórias de FC, tais como robôs, alienígenas, naves interestelares, tradutores universais e, claro, seres humanos. O primeiro livro vendeu 14 milhões de cópias (!). Ele escreveu livros de contos também — fora do background do Mochileiro —, como *Dirk Gently's Holistic Detective Agency* (1987) e sua seqüência *The Long Dark Tea-Time of the Soul* (1988). Um ensaio sobre conservação da vida selvagem: *Last Chance to See* (1991). E um jogo de computador em CD-Rom, *Starship Titanic* (1998).

### □ Prêmio Nebula 2000:

**Melhor Romance:** *Darwin's Radio*, Greg Bear (Del Rey).

**Indicados:** *A Civil Campaign*, Lois McMaster Bujold (Baen); *Crescent City Rhapsody*, Kathleen Ann Goonan (Avon Eos); *Forests of the Heart*, Charles de Lint (Tor); *Infinity Beach*, Jack McDevitt (HarperPrism); *Midnight Robber*, Nalo Hopkinson (Warner Aspect).

**Melhor Novela:** "Goddesses", Linda Nagata (*Sci Fiction*, 7/2000).

**Indicados:** "Argonautica", Walter Jon Williams (*Asimov's* 10-11/1999); "Crocodile Rock", Lucius Shepard (*F&SF* 10-11/1999) "Fortitude", Andy Duncan (*Realms of Fantasy* 6/1999); "Hunting the Snark", Mike Resnick (*Asimov's* 12/1999) "Ninety Percent of Everything", Jonathan Lethem, James Patrick Kelly & John Kessel (*F&SF* 9/1999).

**Melhor Noveleta:** "Daddy's World", Walter Jon Williams (*Not of Woman Born Roc*, ed. Constance Ash).

**Indicados:** "A Day's Work on the Moon", Mike Moscoe (*Analog* 7-8/ 2000) "Generation Gap", Stanley Schmidt (*Artemis 1*, primavera 2000); "How the Highland People Came to Be", Bruce Holland Rogers (*Realms of Fantasy* 8/1999); "Jack Daw's Pack", Greer Gilman (*Century 5*, inverno 2000); "A Knight of Ghosts and Shadows", Gardner Dozois (*Asimov's* 10-11/1999); "Stellar Harvest", Eleanor Arnason (*Asimov's* 4/1999).

**Melhor Conto:** "macs", Terry Bisson (*F&SF* 10-11/1999).

**Indicados:** "The Fantasy Writer's Assistant", Jeffrey Ford (*F&SF* 2/2000); "Flying Over Water", Ellen Klages (*Lady Churchill's Rosebud Wristlet* No. 7, 10/2000); "The Golem", Severna Park (*Black Heart, Ivory Bones Avon*, ed. Ellen Datlow & Terri Windling); "Scherzo with Tyrannosaurus", Michael Swanwick (*Asimov's* 7/1999); "You Wandered Off Like a Foolish Child To Break Your Heart and Mine", Pat York (*Silver Birch, Blood Moon Avon*, ed. Ellen Datlow & Terri Windling).

**Melhor Roteiro (Script):** *Heróis Fora de Órbita (Galaxy Quest)*, David Howard & Robert Gordon (DreamWorks SKG).

**Indicados:** *Quero Ser John Malkovich (Being John Malkovich)*, Charlie Kaufman (Propaganda Films); *Dogma (Dogma)*, Kevin Smith (View Askew Productions); *À Espera de Um Milagre (The Green Mile)*, Frank Darabont — do romance de Stephen King (Castle Rock/Warner Bros); *Princess Mononoke*, Hayao Miyazaki & Neil Gaiman (Miramax Films/ Studio Ghibli — versão japonesa: "Mononoke Hime" 1997; *Inquebrável (Unbreakable)*, M. Night Shyamalan (Touchstone Pictures).

**Grande Mestre:** Philip José Farmer.

**Autor Emérito:** Robert Sheckley.

### □ Indicados ao Prêmio Hugo 2001:

**Romance:** *Calculating God*, Robert J. Sawyer (Tor); *Harry Potter and the Goblet of Fire*, J.K. Rowling (Bloomsbury; Scholastic/Levine); *Midnight Robber*, Nalo Hopkinson (Warner Aspect); *The Sky Road*, Ken MacLeod (Orbit 1999; Tor 2000); *A Storm of Swords*, George R.R. Martin (HarperCollins Voyager; Bantam Spectra).

**Novela:** "Oracle", Greg Egan (*Asimov's* 7/2000); "Radiant Green Star", Lucius Shepard (*Asimov's* 8/2000); "The Retrieval Artist", Kristine Kathryn Rusch (*Analog* 6/2000); "A Roll of the Dice", Catherine Asaro (*Analog* 7-8/2000); "Seventy-Two Letters", Ted Chiang (*Vanishing Acts*); "The Ultimate Earth", Jack Williamson (*Analog* 12/2000).

**Noveleta:** "Agape Among the Robots", Allen Steele (*Analog* 5/2000; Imagina-

tion Fully Dilated, Vol. 2 IFD Publishing, 5/2000); "Generation Gap", Stanley Schmidt (*Artemis primavera* 2000); "Millennium Babies", Kristine Kathryn Rusch (*Asimov's* 1/2000); "On the Orion Line", Stephen Baxter (*Asimov's* 10-11/2000); "Redchapel", Mike Resnick (*Asimov's* 12/2000).

**Conto:** "Different Kinds of Darkness", David Langford (*F&SF* 1/2000); "The Elephants on Neptune", Mike Resnick (*Asimov's* 5/2000); "The Gravity Mine", Stephen Baxter (*Asimov's* 4/2000); "Kaddish for the Last Survivor", Michael A. Burstein (*Analog* 11/2000); "Moon Dogs", Michael Swanwick (*Moon Dogs*, NESFA Press, 2/2000; *Asimov's* 3/2000).

**Não-Ficção:** *Concordance to Cordwainer Smith: Third Edition*, Anthony R. Lewis (NESFA Press); *Greetings from Earth: The Art of Bob Eggleton*, Bob Eggleton & Nigel Suckling (Paper Tiger); *Putting It Together: Turning Sow's Ear Drafts into Silk Purse Stories*, Mike Resnick (Wildside Press); *Robert A. Heinlein: A Reader's Companion*, James Gifford (Nitrosyncretic Press); *Terry Pratchett: Guilty of Literature*, Andrew M. Butler, Edward James & Farah Mendlesohn (The Science Fiction Foundation).

**Filme (cinema e TV):** *Chicken Run*; *O Tigre e o Dragão* (*Crouching Tiger, Hidden Dragon*); *Frank Herbert's Dune*; *Frequency*; *X-Men* (*X-Men*).

**Editor profissional:** Ellen Datlow; Gardner Dozois; David G. Hartwell; Stanley Schmidt e Gordon Van Gelder.

**Artista profissional:** Jim Burns; Bob Eggleton; Frank Kelly Freas; Donato Giancola e Michael Whelan.

**Semiprozine:** *Interzone*, David Pringle, ed; *Locus*, Charles N. Brown, ed; *The New York Review of Science Fiction*, Kathryn Cramer, David G. Hartwell & Kevin Maroney, eds; *Science Fiction Chronicle*, Andrew I. Porter, ed; *Speculations*, Denise Lee & Susan Fry eds.

**Fanzine:** *Challenger*, Guy Lillian III, ed; *File 770*, Mike Glyer, ed; *Mimosa*, Nicki & Richard Lynch, ed; *Plokta*, Alison Scott, Steve Davies & Mike Scott, eds.; *STET*, Dick Smith & Leah Zeldes Smith, eds.

**Escritor-fã:** Bob Devney; Mike Glyer; Dave Langford; Evelyn C. Leeper e Steven H Silver.

**Artista-fã:** Sheryl Birkhead; Brad Foster; Teddy Harvia; Sue Mason e Taral Wayne.

□ **Prêmio John W. Campbell para Melhor Autor Novo:** James L. Cambias; Thomas Harlan; Douglas Smith; Kristine Smith e Jo Walton.

□ **Indicados ao Prêmio Hugo 1950 (retro-Hugos):**

**Romance:** *The Dying Earth*, Jack Vance (Hillman); *Farmer in the Sky*, Robert A. Heinlein (Scribner's); *First Lensman*, Edward E., Ph.D. Smith (Fantasy Press); *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, C.S. Lewis (Geoffrey Bles); *Pebble in the Sky*, Isaac Asimov (Doubleday).

**Novela:** "...And Now You Don't", Isaac Asimov (*Astounding Science Fiction* 11-12/1949, 1/1950) "The Dreaming Jewels", Theodore Sturgeon (*Fantastic Adventures* 2/1950); "The Last Enemy", H. Beam Piper (*Astounding Science Fiction* 8/1950); "The Man Who Sold the Moon", Robert A. Heinlein (*The Man Who Sold the Moon*, Shasta Publishers); "To the Stars", L. Ron Hubbard (*Astounding Science Fiction* 2/3 1950).

**Noveleta:** "Dear Devil", Eric Frank Russell (*Other Worlds* 5/1950); "The Helping Hand", Poul Anderson (*Astounding Science Fiction* 5/1950); "The Little Black Bag", C.M. Kornbluth (*Astounding Science Fiction* 7/1950); "Okie", James Blish (*Astounding Science Fiction* 4/1950); "Scanners Live in Vain", Cordwainer Smith (*Fantasy Book* 6).

**Conto:** "Born of Man and Woman", Richard Matheson (*F&SF* Verão 1950); "Coming Attraction", Fritz Leiber (*Galaxy* 11/1950); "The Gnurr Come from the Voodvork Out", Reginald Bretnor (*F&SF* Inverno/Primavera 1950); "A Subway Named Mobius", A.J. Deutsch (*Astounding Science Fiction* 12/1950); "To Serve Man", Damon Knight (*Galaxy* 11/1950).

**Filme:** *Cinderella*; *Destino Lua* (*Destination Moon*); *Harvey*; *Rabbit of Seville*; *Rocketship X-M*.

**Editor profissional:** Anthony Boucher; John W. Campbell Jr; Groff Conklin; H.L. Gold e J. Francis McComas.

**Artista profissional:** Hannes Bok; Chesley Bonestell; Edd Cartier; Virgil Finlay e Frank Kelly Freas.

**Fanzine:** *The Fanscient Quandry*, *Science Fiction Newsletter*, *Skyhook*, *Slant*, *Spacewarp*.

**Escritor-fã:** Lee Hoffman; Bob Silverberg; Robert "Bob" Wilson Tucker; James White e Walt Willis.

**Artista-fã:** Jack Gaughan; Lee Hoffman; Ray Nelson; Bill Rotsler e James White.

□ **Prêmio Philip K. Dick 2000 — Only Forward**, Michael Marshall Smith (Bantam).

□ **Prêmio Arthur C. Clarke 2000 — Perdido Street Station**, China Miéville (Macmillan/Ballantine Del Rey).

□ **Morre R.Chetwynd-Hayes** — Legendário escritor e antologista inglês de horror, faleceu dia 20 de março, aos 82 anos de pneumonia em Londres. É autor de cerca de 200 contos e 12 romances de horror sobrenatural, sua especialidade. Apesar de, provavelmente, não ter sido publicado em língua portuguesa, seu nome é familiar para os fãs de horror, pois várias de suas histórias foram adaptadas pela série de TV *Galeria do Terror* (*Rod Serling's Night Gallery*, 1971-72), apresentada e produzida pelo roteirista e produtor americano Rod Serling (1924-1975).

## internet

□ **2001 na rede** — Existem muitos endereços dedicados a Stanley Kubrick e mais especificamente ao seu filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Para encontrar dados sobre o roteiro, processo de filmagem e várias resenhas, vá até [www.altademon.co.uk.amk](http://www.altademon.co.uk.amk). Há um brasileiro similar: [www.members.xoom.com/andremcfly/kubrick](http://www.members.xoom.com/andremcfly/kubrick). Sobre o filme indico dois sites, dentre muitos outros: O *Mike Port's 2001 Space Odyssey*:

[www.personal.umich.edu/~post/2001/index.html](http://www.personal.umich.edu/~post/2001/index.html) e o *The 2001 Internet Source Archive*: [www.plantir.net/2001](http://www.plantir.net/2001).

□ **IM só virtual** — *O Informativo Mensal do Clube de Leitores de Ficção Científica* (CLFC), editado por Ataíde Tartari, deixou de ser publicado em papel e agora só é veiculado pela internet. Para ler as novidades da FC mensalmente e saber das fofocas mais quentes do Clube visite o site: <http://members.tripod.com/~CLFC>.

□ **Ano-Luz** — Agora os livros da editora Ano-Luz, tais como *Intempol*, *Phantastica Brasileira*, *Outras Copas*, *Outros Mundos* e *Tropas Estelares*, além dos volumes da Coleção Terra Incognita podem ser comprados diretamente pela rede no endereço [http://www.lokaushop.com.br/bancada\\_esquina](http://www.lokaushop.com.br/bancada_esquina).

□ **Sebo** — *Obras&Livros* é o nome do endereço onde é possível encontrar livros raros e esgotados fora do catálogo das editoras e livrarias. Além disso eles vendem anúncios: trocam, compram, fazem venda ou doação de livros. Também realizam consultas e cadastros em livrarias, editoras, sebo de livros, bibliotecas, escritores, leitores, revistas, quadrinhos, bancas e jornais. O local é <http://www.obraselivros.com>.

□ **Argonauta** — Se está difícil encontrar os últimos lançamentos da tradicional Coleção Argonauta, agora já é possível comprar os livros pela rede em <http://www.livbrasil.pt/>. E há páginas específicas para a Argonauta Gigante: [http://www.livbrasil.pt/Livraria\\_Livros\\_do\\_BrasilARGONAUTA\\_GIGANTE.html](http://www.livbrasil.pt/Livraria_Livros_do_BrasilARGONAUTA_GIGANTE.html). E para a Argonauta em [http://www.livbrasil.pt/Livraria\\_Livros\\_do\\_BrasilARGONAUTA.html](http://www.livbrasil.pt/Livraria_Livros_do_BrasilARGONAUTA.html).

□ **Oficina literária** — Esta dica vem da escritora Simone Saueressig: "A Oficina Literária Virtual, é um espaço excelente para quem curte FC, fantasia e terror. Ela é voltada exclusivamente para estes gêneros e os visitantes podem acessar os textos para curtir o que é produzido lá. Tem textos desde bem iniciantes até de muito boa qualidade, passando por idéias realmente muito boas. O endereço é [sites.uol.com.br/araujodt/](http://sites.uol.com.br/araujodt/).

□ **Imagens do cosmos** — O astrônomo amador Thiago L. Christofoletti ([thiagolc@astronomos.com.br](mailto:thiagolc@astronomos.com.br)) produziu um site com cartões virtuais com belíssimas imagens do universo, tal como choque de galáxias, o interior do Sol, nebulosas estelares, superfície de Marte, cometas, asteroídes, etc, etc. Os cartões inspiram momentos de alegria e amizade, tal como aniversário, casamentos, Natal, e outros. Além disso o objetivo é divulgar a Astronomia e suas maravilhas. O site pode ser acessado pelo Portal Urania ou pelo Astronomos.. Os endereços: *Portal Urania*: [www.astronomos.com.br/uranias](http://www.astronomos.com.br/uranias) e *Astronomos*: [www.astronomos.com.br](http://www.astronomos.com.br)

□ **Catálogo de FC** — O fã e escritor português Jorge Candeias, já bem conhecido dos leitores do *Somnium*, mantém um site com relação de obras de vários escritores portugueses, brasileiros, americanos, ingleses e franceses. Além de listas de coleções de livros em língua portuguesa. O site vem sendo atualizado regularmente e já é uma opção valiosa de consulta sobre a FC lusófona. Confira em <http://come.to/fc-ef>.

□ **Colunista** — O escritor e fã Fábio Fernandes mantém uma coluna sobre FC e mercado editorial na revista digital *Nova Economia*. Seu texto mais recente é sobre as perspectivas econômicas e editoriais dos chamados e-books. Dê uma olhada: <http://www.novae.inf.br/fabiofernandes/leitura.htm>.

□ **Quadrinhos** — O site *Agauê*, é uma novidade sobre a oitava arte, com histórias, informações, críticas, divulgação de revistas e fanzines, biografias de roteiristas e desenhistas nacionais e estrangeiros. Vale a visita: [www.agauê.com.br](http://www.agauê.com.br).

□ **Dissecando Stephen King** — Existem dezenas de listas de discussão sobre o mestre do terror moderno. O fã português Ricardo Rebelo, um dos maiores conhecedores da obra do autor, indica duas listas particularmente interessantes: "A primeira, a Stephen King News é gerida por Brian Freeman e é mais uma newsletter do que lista, com cerca de 1500 assinantes e website próprio. Lá recebem sempre as informações mais recentes sobre o SK. Assinem enviando um mail em branco

para [1StephenKingNewssubscribe@egroups.com](mailto:1StephenKingNewssubscribe@egroups.com). A outra é uma lista de discussão com umas centenas de membros e podem assinar mandando um e-mail em branco para [Stephen\\_King@yahoo.com](mailto:Stephen_King@yahoo.com). Divirtam-se!".

□ **Made in Brazil** — Confira agora, algumas listas de discussão em língua portuguesa, ou em inglês, mas com participação de brasileiros:

\* O Clube de Leitores de Ficção Científica mantém duas: [socio-do-clfc@yahoo.com](mailto:socio-do-clfc@yahoo.com) e [lista-do-clfc@yahoo.com](mailto:lista-do-clfc@yahoo.com). A primeira é exclusiva aos sócios e discute apenas FC&F. A segunda é aberta aos fãs em geral e discute, além de FC&F, temas afins. O CLFC mantém no ar o site <http://members.tripod.com/~CLFC>. O e-mail do CLFC é [clfc@unisys.com.br](mailto:clfc@unisys.com.br).

\* O escritor e fã Octávio Aragão mantém uma lista que discute FC e viagens no tempo, relacionada ao seu projeto *intempol*: [intempol2@egroups.com](mailto:intempol2@egroups.com). O site da *Intempol* é [www.intempol.com.br](http://www.intempol.com.br).

\* O escritor e fã Roberto de Sousa Causo e o escritor americano Bruce Sterling mantém uma lista de debates em inglês sobre FC internacional em [RGParaliteraria@yahoo.com](mailto:RGParaliteraria@yahoo.com). Nomes importantes da FC mundial participam, como Norman Spinrad, Orson Scott Card, Kim Stanley Robinson, James Gunn, Brian Stableford, e outros.

\* Os portugueses também mantêm duas listas de discussão sobre FC&F. Uma é coordenada pelo fã Goblin em [Ficcao-Cientifica@yahoo.com](mailto:Ficcao-Cientifica@yahoo.com). A outra é mantida pela Simetria - Associação Portuguesa de FC e Fantástico em [simetria@yahoo.com](mailto:simetria@yahoo.com).

**Importante:** para assinar qualquer uma delas envie um e-mail em branco para o endereço escolhido.

Caro leitor, se você produz ou conhece algum site ou lista de discussão interessante relacionado à FC, horror e fantasia envie as informações para publicação na subseção 'Internet', do "Diário do Fandom", no *Megalon*. E-mail: [msbranco@uol.com.br](mailto:msbranco@uol.com.br).

# Publicações Recebidas

## nacional

☐ **ASTAROTH.** Editor: Renato Rosatti. Ano VII, número 27, fevereiro 2001, gratuito, formatinho, xerox, 4 páginas. Divulgação de fanzines e bandas de rock, e lista dos próximos filmes de FC e horror americanos até 2002. Prestígio! Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 - CEP 04773-070 - São Paulo, SP. E-mail: [rosatti@ig.com.br](mailto:rosatti@ig.com.br).

☐ **DESMODUS ROTUNDUS.** Editor: Edmilson R. Corrêa. Ano II, número 9, março 2001, R\$ 1,00, formatinho, xerox, 16 páginas. Uma edição temática sobre filmes B com insetos gigantes! Artigos do editor e de Renato Rosatti, mais quadrinhos. Colabore! Rua dos Colibris, 4 - CEP 09450-000 - Rio Grande da Serra, SP.

☐ **2001: UMA ODISSÉIA NO HUMOR: A Visão Bem-Humorada de 21 Cartunistas Sobre o Terceiro Milênio.** Organização de Mário Mastrotti, editora Virgo, março 2001. Depois do êxito de *Humor Brasil: 500 Anos*, Mastrotti aproveita mais uma efeméride, com um livro caprichado e engraçado com charges, quadrinhos e tiras de importantes artistas nacionais, como Alecrim, Cerito, Edgar Guimarães, Mastrotti, Moretti, Rocco, entre outros. Sátiras políticas, comportamentais e de FC recheiam as 130 páginas. Prefácio de Jal e Gual. Preço de R\$ 15,00. Vale a pena: [mastrotti@osite.com.br](mailto:mastrotti@osite.com.br) e [www.editoravirgo.8m.com](http://www.editoravirgo.8m.com)

☐ **HIPERESPAÇO.** Editores: Cesar Silva e José Carlos Neves. Ano XII, número 48, março 2001, R\$ 2,00, formatinho, xerox, capa colorida, 24 páginas. Conto de Simone Saueressig, quadrinhos e a seção "Notícias e Opinião". O zine anuncia mudanças — já antecipadas na edição anterior de *Megalon* —, passando a ser semestral e contar com 80 páginas em cada edição. Cesar faz uma interessante reflexão em seu editorial, sobre que importância teria um fanzine à entrada do século XXI como meio de produção e desenvolvimento cultural. E suas conclusões não são animadoras: perda de influência e de leitores, além da concorrência com outras mídias. A mudança, segundo ele, é uma tentativa de reverter um pouco este quadro. Prestígio! Caixa Postal 375 - CEP 09001-970 - Santo André, SP. E-mail: [cerito@osite.com.br](mailto:cerito@osite.com.br).

☐ **INTREPID.** Editor: Fábio Barreto. Ano II, número 9, R\$ 3,00, capa colorida e contra-capa em P&B cartonadas, A4, 34 páginas. Edição especial sobre o ator Alec Guinness, o Obi-Wan Kenobi, de *Star Wars*, falecido em agosto de 2000. Completa a edição artigos e notícias sobre *Star Wars* e cinema de FC em geral. O zine está muito bem diagramado. Contudo, a exemplo do *Hiperespaço*, anuncia mudanças radicais, podendo, inclusive, ser extinto. Colabore! Rua São Teodoro, 311 - 08290-000 - São Paulo - SP. Site: [www.intrepid.com.br](http://www.intrepid.com.br) e e-mail: [fabio@intrepid.com.br](mailto:fabio@intrepid.com.br).

☐ **JUVENATRIX.** Editor: Renato Rosatti. Ano XI, número 50, abril 2001. Esta edição custa R\$ 12,00. Uma edição normal sai por R\$ 3,00 (assinatura de 5 números por R\$ 15,00). Capa e contra-capa em cores, A4, encadernação em espiral, xerox, 202 páginas!! É isso mesmo, um recorde brasileiro em termos de fanzines de FC. E se não é mundial, deve estar bem perto disso. Super-super edição comemorativa dos dez anos, com tiragem de 40 cópias numeradas e assinadas pelo editor, uma outra novidade. São dezenas e dezenas de contos, artigos e quadrinhos assinados por 51 colaboradores, entre eles Gerson Lodi-Ribeiro, Eduardo Manzano, Cesar Silva, Roberto Causo, Miguel Carqueija, Carlos Orsi Martinho, Hidemberg Frota, Luiz Zatar, Roberto Schima, Simone Saueressig, entre muitos outros. Traz também a lista de todos os 134 colaboradores em seus dez anos de existência. Uma edição impressionante e imperdível. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 - CEP 04773-070 - São Paulo, SP. E-mail: [rosatti@ig.com.br](mailto:rosatti@ig.com.br).

☐ **OFICINA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS.** Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, SP. Coordenação: Cesar Silva, segundo semestre de 2000, formatinho, 50 páginas. Contém oito histórias em quadrinhos escritas e desenhadas pelos alunos da oficina. Algumas são de FC e horror. Vale conhecer. Caixa Postal 375 - CEP 09001-970 - Santo André, SP. E-mail: [cerito@osite.com.br](mailto:cerito@osite.com.br).

☐ **QUADRINHOS INDEPENDENTES.** Editor: Edgar Guimarães. Número 49 abril 2001. R\$ 1,00, capas a cores, formatinho, off-set, 28 páginas. Quadrinhos,

cartas, seção "Intercâmbio", importante por divulgar experiências de fanzineiros e editores sobre edição e distribuição, reportagem sobre o Dia do Quadrinho Nacional, em São Paulo, e resumos de dezenas de fanzines dos mais variados assuntos. Prestígio: Rua Capitão Gomes, 168 - CEP 37530-000 - Brasópolis, MG.

☐ **SOMNIUM.** Publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica. Editor: Alfredo Keppler. Ano XV, números 79 fevereiro e 80 abril 2001, A4, off-set, 24 páginas cada um. Estréia de uma nova fase, com substancial redução de páginas e volta da periodicidade bimestral. A edição 79 traz a volta de R.C. Nascimento ao fanzine, como responsável pelo noticiário internacional, réplicas de Lúcio Manfredi e Cesar Silva tão polêmicas quanto o texto original de Causo sobre a FCB, publicado no número 77. Conto e artigos completam a edição. Já o número 80 tem artigos e resenhas, e contos do português Jorge Candeias e Carlos Orsi Martinho. Colabore, associe-se ao CLFC: Caixa Postal 2105 - CEP 01060-970 - São Paulo, SP. Site: [www.members.tripod.com/~clfc](http://www.members.tripod.com/~clfc) e e-mail: [clfc@unisys.com.br](mailto:clfc@unisys.com.br).

## internacional

☐ **LOCUS.** Editor: Charles N. Brown. Números 480 janeiro, 481 fevereiro e 482 março 2001, US\$ 4,95, capa e contra-capa em cores, A3, 72, 86 e 86 páginas, respectivamente. Em janeiro, notícias, entrevista com Vernor Vinge, reportagens sobre a World Fantasy Convention e a EuroCon, dezenas de resenhas de lançamentos no mercado americano. Em fevereiro, a aguardada edição anual de resumo e crítica do ano anterior, com ensaios de Gardner Dozois, Gary Wolfe, Edward Bryant, Mark Kelly, Michael Swanwick, entre outros, mais os números e estatísticas do mercado americano de FC para livros e revistas e a influente listagem das "Leituras Recomendadas" com o melhor do ano 2000. Inclui, ainda, notícias e resenhas de dezenas de lançamentos. Em março, entrevista com o ilustrador de carreira cinqüentenária, Frank Kelly Freas, longo obituário e depoimentos sobre a morte de Gordon R. Dickson, notícias, resenhas dos lançamentos. P.O. Box 13305 - Oakland - CA - 94661 - U.S.A. Site: [www.locusmag.com](http://www.locusmag.com).



# Os Mundos Perdidos de 2001

□ **Jorge Luiz Calife**

Quando morreu, o cineasta Stanley Kubrick tinha na mente uma idéia polêmica. Ele queria refilmar a seqüência final de *2001: Uma Odisseia no Espaço* usando os modernos efeitos de computação gráfica.

Kubrick sabia que a MGM estava restaurando as cópias de *2001* para relançar o filme nos cinemas este ano. E o cineasta achava que o efeito slit scan usado por Douglas Trumbull para visualizar a viagem do astronauta Dave Bowman até as estrelas perdera o impacto para as platéias atuais, acostumadas com a mágica da computação gráfica, ou CGI como é chamada pelos técnicos da indústria. Assim Kubrick fez uma proposta à MGM. Seguindo o exemplo de George Lucas ele faria uma versão moderna do seu *2001*, substituindo os efeitos antigos por cenas em CGI. Felizmente a Metro rejeitou a idéia, alegando que não havia tempo para isso. Na época faltavam dois anos para o *2001* real e o estúdio fazia questão de relançar a "Odisséia no espaço" em grande estilo em outubro de 2001. O filme permaneceu intocado e seria visto pelas platéias do futuro como foi visto pela nossa geração.

Quem já leu os livros sobre o processo de criação do filme sabe que aquilo que se vê na tela é o resultado tanto da imaginação de Kubrick, e de seu roteirista Arthur C. Clarke quanto das limitações impostas pela tecnologia cinematográfica dos anos 60.

No roteiro original extraterrestres humanóides, de formas esguias e alongadas, com tres metros de altura, visitam a Terra pré-histórica e ensinam homens-macaco a sobreviver.

No futuro, astronautas encontram uma pirâmide de cristal na Lua e seguem um sinal de rádio até o planeta Saturno. Lá, entre os anéis de Saturno, eles descobrem um túnel dimensional, um "buraco de verme" que os leva, com a sua nave Discovery, até um mundo distante 10 mil anos-luz, na órbita de uma estrela dupla. Em uma ilha celeste, acima de um pla-

neta oceânico, Dave Bowman e seus amigos encontram o alienígena Clindar, um humanóide imortal que esteve na Terra há 4 milhões de anos e ajudou a criar a humanidade.

Kubrick teve que adaptar essas idéias para o que podia ser filmado com a tecnologia de 1965. A missão espacial mudou de Saturno para Júpiter, devido a impossibilidade de se simular os anéis do planeta de forma convincente. Kubrick fez várias tentativas para filmar os humanóides esguios de Clindar. Ele queria que eles fossem parecidos com as esculturas de Giacometti, mas acabou desistindo. Atores com roupas de borracha estragariam toda a credibilidade do filme. Os E.T.s de *2001* acabaram virando seres plasmáticos invisíveis que se manifestam através de um ícone: O famoso monólito negro.

As diferentes visões de mundo do roteirista e do diretor também provocaram mudanças na história. Sendo um cientista Clarke vê a ciência e a tecnologia como forças positivas, elementos de progresso e salvação para a humanidade. Em seu roteiro original o computador Hal — que teria voz feminina e se chamaria Atena, o nome da deusa grega da sabedoria — é um amigo dos astronautas, obedecendo as leis da robótica de Isaac Asimov. Conhecendo os astronautas de verdade, Clarke também imaginava Dave Bowman e Frank Poole como homens cultos e sensíveis, não robôs despersonalizados.

Mas Kubrick tinha formação humanista e via na tecnologia uma ameaça ao futuro da humanidade. A máquina desumanizaria os homens, como acontecera nas linhas de montagem da revolução industrial, por isso seus astronautas são frios e insensíveis. E o computador Hal sofre do complexo de Frankenstein. Como o Golem da lenda hebraica ele não pode ter "alma" por não ser uma criação divina e assim, fatalmente, se voltará contra seus criadores.

Hoje, 33 anos depois, estamos em 2001, no início do novo milênio. A máquina não tornou as pessoas insensíveis e os computadores são nossos companheiros de trabalho e de lazer, não nossos inimigos. Clarke estava certo.

Mas *2001* não precisa ser refilmado, porque outros cineastas levaram para as telas todos os "mundos perdidos de 2001" como Clarke batizou, poeticamente, as idéias que ficaram para trás no processo criativo da odisséia no espaço.

Primeiro foi Peter Hyams com seu *2010: O Ano em que Faremos Contato*, filmado em 1984. Seguindo um roteiro de Arthur Clarke, *2010* mostra um computador Hal reabilitado, verdadeiro amigo e companheiro dos astronautas, como a Atena do roteiro original.

E os astronautas se comportam como pessoas comuns, cujo trabalho as leva a viajar pelo espaço, como são hoje em dia os tripulantes do ônibus espacial.

*2010* também introduziu os efeitos de computação gráfica no universo de Clarke com uma recriação da atmosfera de Júpiter feita num supercomputador Cray e uma seqüência de formação de um novo sol.

Em 1997, Robert Zemeckis mostrou uma viagem às estrelas, via buraco de verme, toda feita em computação gráfica no belo *Contato*. Filme baseado num romance do astrônomo Carl Sagan, que foi um dos consultores do *2001*.

E no ano 2000 o cineasta Brian de Palma foi mais além, no rastro dos mundos perdidos de 2001, com seu filme *Missão: Marte*.

Produzido pela Buena Vista (leia-se Disney), *Missão: Marte* é um *2001* para o público infanto-juvenil. A história é a mesma: Astronautas do futuro viajam para outro planeta onde encontram alienígenas responsáveis pelo surgimento da humanidade.

Em Marte, os astronautas do Brian de Palma encontram um extraterrestre holográfico alto, esguio,

humanóide, muito parecido com o Clindar, imaginado por Clarke em 1965. Kubrick queria que *2001* terminasse com seu E.T. carregando os astronautas nos braços. De Palma não foi tão longe e se limitou a fazer os humanos darem as mãos aos seus criadores. Como Kubrick gostava de imaginar, o marciano de *Missão: Marte* é uma criatura híbrida, parte orgânica, parte mecânica, parte energética.

Outros fatores acidentais também contribuíram para aproximar *Missão: Marte* e *2001*.

A princípio os capacetes dos astronautas da Mars Recovery seriam calcados no modelo usado pelos tripulantes das naves Gemini, da Nasa. Mas o visor esférico refletia o céu azul durante as filmagens ao ar livre, num deserto canadense. Brian de Palma pediu novos capacetes com a viseira voltada para baixo, de modo a refletir apenas o solo. E o desenhista de produção se inspirou no design criado por Harry Lange para *2001*.

A Nasa e o cientista Robert Zubrin ajudaram a criar as naves para a expedição marciana. Segundo a concepção de Zubrin, os módulos deveriam girar nas extremidades de um longo cabo para produzir gravidade artificial. Mas o visual ficou complicado demais e o diretor optou por colocar um tambor centrífugo a bordo da Mars Recovery, fazendo de sua nave uma versão reduzida da Discovery do Arthur Clarke.

Astronautas de verdade como Joe Allen e Story Musgrave assessoraram a produção de *Missão: Marte* e por

isso os viajantes espaciais do filme são gente alegre e apaixonada, que gosta de dançar e de música moderna (Atualmente existe um conjunto musical formado exclusivamente por astronautas da Nasa, o "Max Q" que toca jazz e rock).

Eles brincam, eles tem senso de humor, como sempre foram os verdadeiros homens do espaço. Mesmo nos anos iniciais da corrida espacial, quando os homens desafiavam a morte voando em naves experimentais, através de espaços nunca dantes navegados, os astronautas combatiam a tensão com o humor. Virgil Grisom contrabandeou um sanduíche de carne para dentro da Gemini 3, acabando com a ditadura das comidas em pasta. Os tripulantes da Gemini 10 usaram posteres da revista *Playboy* para cobrir as escotilhas da nave enquanto dormiam. E o comandante da Apollo 12 levou tacos para jogar golfe na Lua.

As cenas espaciais de *Missão: Marte* possuem o mesmo realismo da odisséia original. Sem manobras aerodinâmicas estilo *Star Wars* ou ridículas caminhadas com "botas magnéticas" como em *Jornada nas Estrelas: Primeiro Contato*. Um realismo que faz do filme de Brian de Palma um herdeiro legítimo do *2001*.

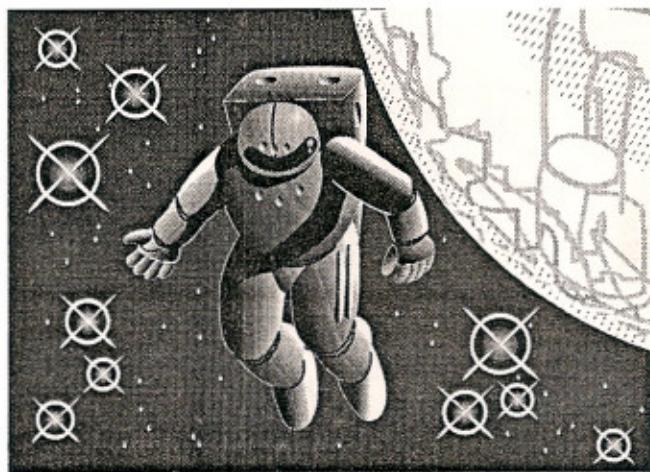
Assim, de uma forma ou de outra, "os mundos perdidos de *2001*" acabaram chegando nas telas. Falta apenas a ilha celeste, mas isso é apenas uma questão de tempo.

Num e-mail que me mandou recentemente do Sri-Lanka, Clarke comenta que a sonda espacial Cassi-

ni, passou por Júpiter no ano passado, usando a gravidade do planeta para acelerá-la na direção de Saturno, exatamente como ele imaginou em sua odisséia original.

E na alvorada do novo milênio é o próprio Clarke, e não Dave Bowman quem vai partir para as estrelas. Uma amostra do DNA do escritor será congelada e colocada a bordo da sonda estelar "Encounter 2001". Disparada no topo de um foguete Ariane-5, da base de Kurou, na Guiana francesa, a Encounter 2001 usará uma vela solar para escapar da gravidade do Sol e rumar para o espaço interestelar no ano de 2003. Clarke enviou uma mensagem junto com seu DNA. Ela diz simplesmente "Adeus meu clone". Se a nave for interceptada por inteligências extraterrenas, durante sua jornada pelo braço de Orion, eles poderão recriar o Arthur a partir de seu DNA, em alguma época futura.

Quanto ao *2001* original, ele deverá ser exibido nos cinemas, e relançado em DVD no final deste ano. Algumas cenas que foram cortadas pelo diretor, depois da premiere em 1968, estão sendo restauradas e recolocadas no filme para o relançamento. Elas mostram Poole jogando um jogo chamado Pentominos com o Hal, mais detalhes da vida a bordo da Discovery e da Orion 3 e uma praça de recreação na base lunar Clavius. Valerá a pena esperar para ver *2001* de novo.



# Impressões e Expressões de 2001

A pedido do *Megalon* várias personalidades da ficção científica brasileira foram convidadas a dizer qual o impacto que o filme *2001, Uma Odisséia no Espaço* causou em cada um na primeira vez que o assistiram. E também lhes foi perguntado que interpretação fazem do filme hoje, quando chegamos ao ano que o filme consagrou. A seguir as respostas dos que atenderam ao nosso convite.

## Alexandre Yudenitch

No lançamento, *2001* teve um impacto muito grande, tanto por apresentar uma visão entusiasmante, coerente e plausível do futuro (2001...), quanto pela realização artística e "técnica" (pela primeira vez, dava para acreditar mesmo na tecnologia. E na sociologia do mundo futuro apresentado), e também por manter a visão místico-lírica que Clarke já tinha apresentado em *O Fim da Infância*, *A Cidade e as Estrelas*, etc. Até então, era difícil de acreditar que algum dia teríamos filmes de FC como aquele (por motivos análogos, *Star Wars* teve um impacto semelhante: "Space opera" "ao vivo"!).

Eu o assisti primeiro em Cinerama (no antigo cine Majestic), em companhia de um amigo; e lembro como ficamos comentando e discutindo por muito tempo depois. Creio que *2001* foi suficientemente forte para marcar nossa cultura contemporânea (desde a abertura de *Also Sprach Zarathustra* e Hal, até o Monolito Negro e as "viagens psicodélicas" que ele proporcionou a Dave Bowman), e a visão sobre como seria o futuro foi compartilhada por muita gente, até que a evolução dos acontecimentos o tornasse desatualizado em relação à sua 'data nominal' (coisa que também aconteceu com outro filme/livro "datado no nome": *1984*). A própria efervescência mundial, cultural e social, da época do lançamento, ajudou isso. Deixar a obra "aberta", permitindo várias leituras e interpretações, foi um dos aspectos que lhe deu mais vitalidade: Basta ver como *2010*, bem mais "fechado", é sempre considerado uma obra 'menor'.

Hoje, nossa visão do futuro 33 anos depois talvez seja menos otimista que em 1968, pois agora nem em 2040 esperamos que as coisas do filme poderão acontecer; mas *2001* continua relevante, interessante e importante.

## Alfredo Keppler

Já lá se vão quase 40 anos (pqp, inacreditável!!), porém agora mesmo enquanto escrevo isso lembro-me fotograficamente

do final daquela sessão da tarde no Comodoro: os créditos ainda rolavam na tela quando as luzes se acenderam e entrou aquela musiquinha de elevador. Por uns bons minutos ninguém se mexia e o povo em silêncio, como que abestalhado, literalmente voltando à Terra, devagarinho.

Saimos ainda em relativo silêncio para a tarde da sexta-feira. Lá fora, mal havia secado a tinta na assinatura do AI-5 e o trânsito rolava como se nada tivesse acontecido.

E eu nunca mais faria 18 anos, nem jamais, com certeza, veria filme igual.

## Ataíde Tartari

Às vezes eu me pego com saudades de uma época que perdi, de sensações que não experimentei simplesmente porque não estava no lugar e na hora certos. O ano de 1968 é um caso típico. Gostaria de tê-lo experimentado. Entre tantas coisas importantes que puderam ser vividas naquele ano, o lançamento do filme *2001* merece um lugar de destaque.

Nem me lembro qual foi a primeira vez que assisti este filme, mas certamente foi na TV e dublado. Invejo pessoas como meu amigo Alfredo Keppler que tem uma lembrança vívida do impacto que o filme lhe causou em 1968. Tentei absorver sua emoção por osmose mas não consegui. Não consigo deixar de admirar *2001* de uma maneira fria, filtrada pelos zilhões de opiniões que li e ouvi a seu respeito.

Assim sendo, não posso afirmar que *2001* teve sobre mim um impacto digno deste nome. Posso, sim, afirmar que em 1968, o ano que nunca alcançarei, *2001* era muito melhor. O *2001* em que vivo não tem monolitos, enigmas e viagens interplanetárias: é apenas um pesadelo tupinipunk vulgar e rasteiro.

## Cesar Silva

Eu assisti *2001* pela primeira vez no cinema. Certamente não foi em 1968, quando eu ainda tinha 9 anos de idade, mas em alguma reprise nos anos 1970. Em Santo André havia um cinema que passava reprises e eu tive a chance de ver

o filme do Kubrick em tela grande. Lembro que fiquei impressionado com a cena do mergulho no monolito, aquelas luzes passando e passando sem nunca acabar. Depois me assustei na seqüência final, com Bowman vendo a si mesmo cada vez mais velho... Na mesma semana pedi para minha mãe me trazer o livro da biblioteca, que li de uma sentada. Foi como uma revelação. O incrível é que eu não me apercebi da qualidade dos efeitos especiais até muitos anos depois, quando esse assunto virou mania a partir de *Star Wars*.

Voltei a assistir *2001* numa exibição na TV, e aí sim percebi o quanto era bem acabado. E, de novo, as cenas finais me impressionaram. Anos depois repeti a experiência ao assistir *Duna* antes de ler o livro. Sei que poucos fizeram esse percurso inverso e por isso detestaram a adaptação de David Lynch. Mas eu gostei e gosto do filme até hoje, porque ele me impressionou do mesmo modo enigmático que *2001* tinha me marcado na juventude.

## Eduardo Torelli

Assistir a *2001* pela primeira vez foi uma experiência dubia — e por uma boa razão: eu tinha apenas 12 anos. Não pude compreender, portanto, a intrincada conclusão do espetáculo, embora tenha ficado maravilhado com a sua "forma". Para mim, estava claro que o monolito negro era uma manifestação de vida inteligente extraterrestre, responsável por 2 etapas distintas na evolução do homem. No entanto, fiquei "boiando" quanto ao destino final do astronauta Bowman. Demorei um tempão para perceber que aquela angustiante seqüência da viagem solitária do herói pelo espaço era, na verdade, uma viagem da mente — Bowman não chegou ao seu destino final por meio da espaçonave, e sim, através de uma viagem astral. Ao dar-me conta disso, fiquei surpreso: até aquele momento, *2001* era, em minha opinião, o filme mais cético e cerebral já realizado. Quem diria, heim? Era o contrário.

## Eduardo Torres

Assisti *2001, Uma Odisséia no Espaço* pela primeira vez em 1969, quando tinha 10 anos. Fui com minha mãe ao cinema. Era o Roxy, em Copacabana, no Rio, o único com tela Cinerama, novidade na época. Chegamos atrasados e o filme já tinha começado. Mostrava a estação espacial em órbita, com a Terra ao fundo, enchendo a enorme tela, com um efeito tridimensional gerado pelos três projetores simultâneos da nova técnica de exibição. E o cinema reverberava ao som do *Danúbio Azul* de Johann Strauss Jr.

Fiquei estatelado. Mal consegui encontrar um lugar, pois meus olhos não se desviavam por um segundo da tela. Já era fã de ficção científica na época, estimulado por meu pai. Não perdíamos um episódio de *Jornada nas Estrelas* na velha TV Excelsior, mas nada havia me preparado para o impacto que senti em meu primeiro contato com *2001*.

O filme era fantástico, as imagens hipnóticas, a música envolvente. Acompanhei Floyd na estação e na fantástica viagem à Lua. Toquei com ele o monólito em Tycho. Viajei na Discovery e conheci Hal, e estava com Bowman durante sua jornada psicodélica além do Portal das Estrelas. Vimo-nos envelhecendo, renascendo e voltando transformados à Terra ao som de *Assim Falou Zarathustra*, de Richard Strauss. Mas a trama parecia escapar-me. Pensei: "É porque perdi o começo."

A sessão acabou e ficamos para a próxima. Escolhemos um lugar melhor. Frente e centro. E esperamos o início do filme. Qual minha surpresa ao ver aquelas paisagens desérticas da Alvorada do Homem! Teriam trocado de filme? Segui acompanhando atentamente o desenrolar das cenas do primeiro encontro da humanidade com o monólito extraterrestre até a famosa tomada de transição do osso para a nave espacial e reencontrei a estação espacial da primeira sessão! Então isso era o filme todo!

Saimos logo depois. Nem eu nem minha mãe havíamos entendido nada. Mas continuava fascinado pelas imagens e pela música. Falei com meu pai depois dele ter visto o filme. E ambos tínhamos mais perguntas que respostas, como parece ter sido a intenção de Clarke e Kubrick.

Algumas semanas depois meu pai me deu de presente o livro *2001* de Clarke, recém-lançado no Brasil. Devorei em poucos dias. Fui ver o filme de novo. Pouco a pouco fui "entrando" no filme. Nesses 32 anos desde o seu lançamento

no Brasil perdi a conta de quantas vezes revi *2001* no cinema, na TV e em vídeo. Já decorei quase todas as cenas. Mas o fascínio nunca diminui. E, conforme fui amadurecendo, pude perceber detalhes que me passaram antes despercebidos. E fazer novas perguntas. E sonhar novos sonhos.

Em minha opinião, *2001* não é apenas o melhor filme de ficção científica de todos os tempos. É um dos melhores filmes de todos os tempos de qualquer gênero. Talvez justamente por trazer mais perguntas que respostas, por nos deixar imaginar sem freios, por nos fazer refletir sobre nós mesmos e o Universo que nos envolve. Rever *2001* é sempre uma experiência que nos enriquece. Que melhor definição de um clássico?

## Gerson Lodi-Ribeiro

Assisti *2001* pela primeira vez em 1974 numa sessão vespertina de meio de semana num cinema pequeno e pouco movimentado do bairro carioca da Tijuca. Havia pouca gente na sessão, umas dez pessoas. Não tive dificuldade em entender o filme, pois já sabia mais ou menos o que esperar da leitura de *2001, Uma Odisséia no Espaço* e *Mundos Perdidos de 2001*. Talvez por já conhecer o enredo em si, o que mais me impressionou foram os efeitos especiais perfeitos e o tremendo cuidado para que todas as cenas parecessem cientificamente corretas: os pré-humanos realmente se comportam como a ciência da década de 1960 acreditava que eles se comportavam; as espaçonaves não fazem barulho quando cruzam o vácuo interplanetário; a ausência de peso é uma preocupação constante; há sempre um atraso nas comunicações entre a Terra e a Lua e, mais tarde, entre a Terra e a Discovery, pelo fato da velocidade da luz ser grande mas não infinita; e por aí vai. Este apuro perfeccionista teve uma explicação: o próprio Arthur Clarke foi o consultor científico do filme e, talvez pela primeira vez na história do cinema, a palavra do consultor era a lei em tudo que se referia à ciência dentro do enredo.

Assim, *2001* continua sendo, 33 anos após seu lançamento, o filme de FC mais perfeito já elaborado, superior em dezenas de anos-luz a tudo o que se lançou depois dele. Se acaso a FC cinematográfica possui um clássico definitivo, *2001* é ele.

## Jorge Luiz Calife

Ver *2001* no telão do cine Roxy, na sua estréia brasileira, em junho de 1968, foi uma experiência inesquecível. Nunca ti-

nha existido um filme assim, com imagens tão realistas. Era como assistir a um documentário, enviado do futuro pela máquina do tempo. Na época estávamos em plena corrida espacial, com os americanos se preparando para desembarcar na Lua e ninguém duvidava de que o futuro, o ano 2001, não ia ser igual ao que aparecia ali, na tela côncava do cinerama. Afinal, todos os futurólogos da época, como o gordão Herman Kahn juravam que em trinta anos íamos ter robôs falantes e colônias no espaço.

Hoje *2001* ainda é um bonito filme, mas não é possível assisti-lo sem um sorriso nos lábios. Achemos graça do otimismo ingênuo do Kubrick, com suas cidades lunares e naves espaciais operadas por companhias aéreas. Hal, o computador Frankenstein também pertence a uma época passada, quando as pessoas tinham medo das máquinas e não dos homens. Mas se não construímos o futuro mostrado no filme, o erro não foi do Kubrick ou do Clarke. O erro é da humanidade, que preferiu afundar na lama a responder ao chamado das estrelas.

## Lúcio Manfredi

Fui me aproximando de *2001* aos poucos, numa espécie de movimento em espiral. Não foi uma intenção deliberada da minha parte, evidentemente, mas olhando agora, me pareceu uma abordagem perfeitamente adequada para um filme com tantas camadas e níveis de significado. Primeiro veio a música, *Also Sprach Zarathustra*, que eu conheci inicialmente naquela infame versão muzak dos anos 70. Algum tempo depois, no limite entre a infância e a adolescência, ouvi a versão original de Richard Strauss e, que eu me lembre, foi a primeira vez que uma obra de arte me atingiu com o impacto de uma epifania — evidentemente, aos dez, onze anos, eu nem conhecia a palavra. Veio a adolescência e a paixão pela ficção científica. Li o romance de Clarke antes de ver o filme, na biblioteca municipal, onde também achei um exemplar de *Sobre o Tempo e as Estrelas*, com "A Sentinela", o conto que deu origem ao filme. Não cheguei a ler *Mundos Perdidos de 2001*, mas devorei *O Terceiro Planeta*, com alguns artigos do Clarke sobre "o proverbial filme de ficção-científica para acabar com todos os filmes de ficção-científica". Assim, quando finalmente consegui assistir *2001*, numa cópia pirata, na casa de um amigo meu que foi uma das primeiras pessoas que eu conheci que tinha um vídeocassete, eu já tinha uma bagagem con-

siderável a respeito do filme e de seu significado. Era uma cópia ruim, como todas as cópias piratas da época. Era uma televisão de 20 polegadas, sem comparação possível com a tela de cinema. E ainda assim, foi o bastante para reduzir toda a minha *considerável bagagem* ao mesmo nível de superficialidade que a versão em muzak de *Also Sprach Zarathustra*. Tudo o que Clarke tinha escrito sobre *2001*, em que pese ser ele o autor do argumento, me parecia banal diante do que se via na tela. Kubrick tinha pegado o argumento original e levado mais além, em direção a um questionamento metafísico, religioso, transcendente — e, ao mesmo tempo, criara um espetáculo visual que arrebata os sentidos como poucas vezes se viu num filme. Claro que, aos treze anos, recém-convertido à ufologia, eu não usava essas palavras para descrever essa experiência. Mas, sim, foi a segunda vez que uma obra de arte me atingiu com o impacto de uma epifania.

### Marcello Simão Branco

*2001, Uma Odisséia no Espaço* foi uma obra de arte que mudou minha vida. Era 1984 e a TV Globo resolveu exibir o filme pela primeira vez. Era um especial não sei do quê e *2001* foi exibido numa semana e o clássico brega *E o Vento Levou* em outra. A Globo cometeu a heresia de dividir em dois dias cada filme. Ver *2001* em dois dias, porém, só ampliou o tempo de exposição da obra em meu impacto cognitivo-emocional. Do primeiro para o segundo dia mal dormi, embasbacado com a história, as imagens, a "Alvorada do Homem", o osso voando e a estação espacial, a seguir o balé espacial ao som do *Danúbio Azul*. Isso sem falar na potência metafísica de *Assim Falou Zarathustra*, que arrepiava até hoje quando a ouço. Se não havia entendido muito no primeiro dia, fiquei mais confuso após o fim do filme. Mas percebi que esta era a intenção de Clarke e Kubrick. Uma obra de arte aberta, enigmática, com diferentes interpretações e pouquíssimas conclusões.

Treze anos depois, em 1997, chegou a vez de ver *2001* no cinema! Mesmo já tendo lido o livro *2001* mais de uma vez, lido várias análises e artigos sobre o filme, conhecer quase toda a obra literária de Clarke e visto quase todos os filmes de Kubrick, nada se comparou a ver *2001* numa tela grande de cinema. Foi a maior experiência cinematográfica que já vivi, com um *sense of wonder* jamais igualado.

A maioria das pessoas neste ano tenta comparar as "previsões" que deram e não

deram certo. Para mim este aspecto é menor, dado o significado transcendente do filme. Pelo conteúdo, tanto faz se o ano é 2001, 2100, 2500. As questões levantadas suscitam reflexões e indagações maiúsculas sobre a condição humana e seu papel frente ao Universo.

Enfim, concordo que *2001* chegou e não posso deixar de compartilhar uma decepção por estarmos tecnologicamente tão distantes das maravilhas imaginadas por Clarke e Kubrick. Assim, o melhor a fazer é rever *2001*. E esquecer que não houve odisséia em *2001*.

### Octávio Aragão

Da primeira vez eu odiei.

Tinha uns 14 anos, em 1978, e ouvira falar a respeito do filme desde que me entendia por gente. Meu pai, um grande admirador sempre se referia às imagens e aos conceitos do filme com uma intimidade assustadora (era "monolito negro" pra cá; "Aurora do Homem" pra lá; "Hal" isso, "Hal" aquilo...) e, obviamente, compreendi o livro assim que me vi com idade suficiente pra entender alguma coisa. Li, reli, quadrelí o livrinho de bolso e decorei passagens, frases, cenas inteiras. Principalmente a última, onde David Bowman (ou algo que foi David Bowman) observava um pequeno planeta azul onde, aparentemente, uma luz alaranjada intensa surgia como — o que me pareceu ser — uma explosão. Desviando sua atenção para outro lado do espaço, a entidade se afastava, em busca de outros objetivos. Isso ficou ecoando na minha mente por muito tempo... a indiferença do ser supremo; a mediocridade da humanidade; a evolução/revelação aterradora e, ao mesmo tempo, maravilhosa que nos esperava... nada disso eu vi no filme, quando, meses depois, consegui assistir a uma reprise no velho cinema Lido (que, sintomaticamente, virou igreja, hoje). Pelo contrário: o feto gigante orbitando a Terra era tudo que eu *não* esperava! Tudo que eu *não* queria! Tudo que eu *não* acreditava! Era um final positivista onde eu havia vislumbrado tons de cinza; era esperança onde eu pensava ver desilusão; era — perdoem um adolescente ensimesmado, tímido e revoltado com o mundo — tolice poética onde eu ansiava acidez crítica.

Cheguei em casa irritado, decepcionado e me sentindo iludido por anos de confiança em alguma revelação cósmica de que o mundo era um lugar pequeno, tacinho, sem futuro. Foram precisos anos para que o maravilhamento finalmente desabrochasse. Depois de ver ao filme

mais três vezes, em outras reprises (coisas comuns na década de 70), finalmente abri a mente para as imagens e seus significados, para a trilha sonora fantástica, para a ausência de som.

Hoje sei que sinto como meu pai e intuo — não, tenho certeza! — que vou falar a respeito de *2001* (o filme, não o ano, que até lá vai estar irremediavelmente preso no passado) com meu filho com o mesmo respeito, a mesma reverência, o mesmo maravilhamento com que o velho me apresentou suas crenças — meio religiosas, meio científicas — no futuro.

### Renato Rosatti

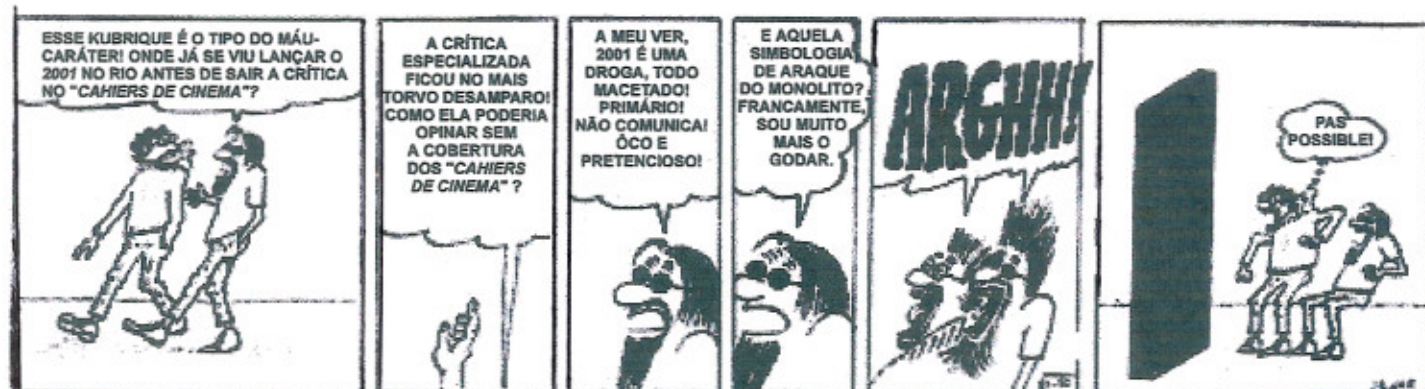
Alguns filmes de ficção científica são imortais, clássicos que jamais serão esquecidos e sempre que possível serão reverenciados. *2001, Uma Odisséia no Espaço*, filmado em 1968 pelo genial e já falecido cineasta Stanley Kubrick, certamente é um deles pois tornou-se uma referência dentro do gênero. Ao conhecê-lo pela primeira vez, a sensação é estranha, o filme é grandioso, repleto de belos efeitos especiais, trilha sonora com música clássica, enormes naves espaciais, poucos diálogos e história de complexa interpretação, sendo necessário uma atenção especial para compreendê-lo.

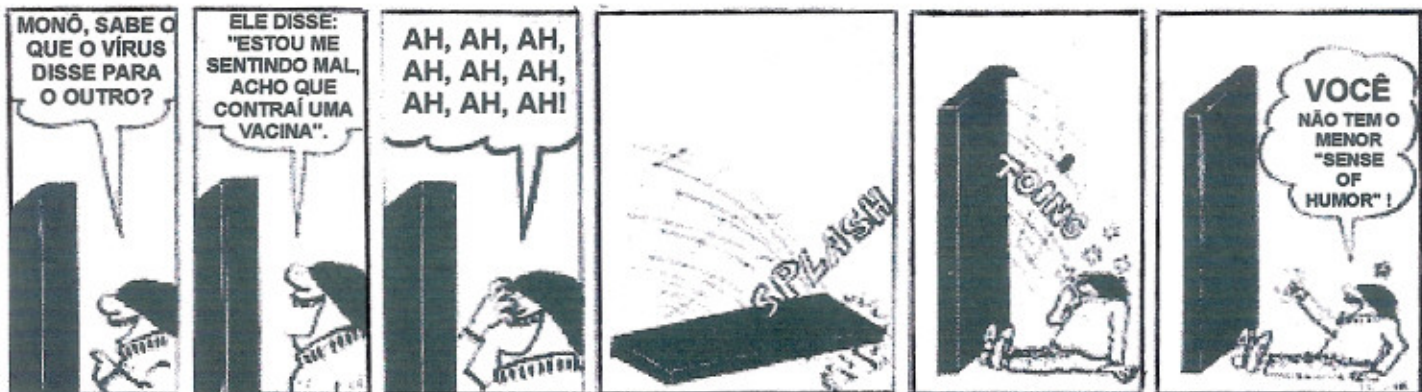
Mas, após conhecê-lo melhor é inevitável o impacto impressionante de suas imagens e a transmissão de sua idéia central, através de um artefato descoberto na nossa Lua pela humanidade, deixado como uma sonda automática por uma raça alienígena super inteligente num passado longínquo, com o objetivo de monitorar a evolução da raça humana e ser informada quando estivesse conquistando as estrelas.

O ano de *2001* acabou tornando-se uma marca para as gerações que acompanharam o filme, como uma referência de um futuro onde o Homem estaria realizando a tão esperada odisséia no espaço, o que de forma frustrante não se verificou na realidade, apesar dos notáveis avanços científicos, visto que esse futuro já chegou, logo vai passar e estamos ainda muito longe das viagens interestelares tripuladas, para a conquista do espaço e contato com outras raças inteligentes. Ou seja, continuamos ainda no campo da ficção científica, porém o filme continuará sendo sempre um grande momento de entretenimento.

# MONOLITO EM IPANEMA

□ Texto e desenhos Jaguar





# O EFEITO HOEN

□ Braulio Tavares

A maioria das profecias feitas na ficção científica são o que se chama de "profecias auto-realizantes" — o autor joga uma idéia para o público, e a idéia é tão sedutora que muita gente arregaça as mangas e começa a trabalhar duro para que aquilo se torne realidade. Em casos assim, o que se faz não é exatamente "prever" o futuro, mas influenciá-lo. São tão proféticas quanto anunciar: "Algo me diz que a gente vai dar um churrasco aqui em casa, no próximo fim de semana".

Tentar imaginar o que vai ser publicado por editoras, jornais e revistas do futuro tem sido na imprensa uma prática tão comum quanto as "profecias de fim-de-ano" feitas por babalaôs, numerologistas, cartomantes, tarólogos e videntes. A extinta revista *Realidade* foi inaugurada em 1966 com um artigo "profético" sobre a Copa do Mundo a se realizar na Inglaterra. A capa da revista mostrava uma foto de Pelé sorridente usando um daqueles capacetes peludos e compridos dos guardas do Palácio de Buckingham. O texto descrevia jogo por jogo como "tinha sido" a campanha do Brasil e dos seus principais adversários, contando o transcorrer da partida, os gols, e tudo o mais. O jogo final, é claro, "acontecera" entre Brasil e Inglaterra, e o Brasil se sagrava tricampeão mundial (após as vitórias de 1958 e 1962).

Na realidade, foi tudo muito diferente. Quando a Copa começou, o Brasil teve uma campanha pífia, derrotando a Bulgária com dois gols de falta, levando um passeio de 3x1 da Hungria, e depois perdendo por 3x1 para Portugal num jogo em que a pancadaria comeu solta e Pelé foi caçado em campo. A final da Copa teve Inglaterra e Alemanha, e os ingleses acabaram ganhando num jogo cheio de irregularidades, num dos casos mais escancarados de uma Copa ganha "na marra" pelo time dono da

casa (o outro exemplo é o da Argentina em 1978).

Outras tentativas proféticas se voltam para um futuro mais remoto. O crítico Alexandre Eulálio lembra uma edição de 1843 do jornal *O Brasil*, datada ficticiamente de "2 de abril de 1943", onde o jornalista Justiniano José da Rocha tentava imaginar como seria nosso país cem anos depois. No mundo da FC, creio que o exemplo mais curioso de profecia literária é o que teve lugar na revista *Astounding Science Fiction* entre 1948 e 1949, sob a editoria de John W. Campbell Jr. Achei a história tão curiosa que não descansi enquanto não consegui adquirir, via internet, exemplares das duas revistas que figuram no episódio.

No número de novembro de 1948 de *Astounding SF*, a coluna "Brass Tacks", a tradicional coluna de cartas da revista, publicou uma carta assinada pelo leitor Richard A. Hoen, de Buffalo (Estado de New York). Nela, o leitor elogiava a qualidade do número de novembro de 1949 da revista, e fazia comentários sobre cada uma das histórias. Era em tudo e por tudo uma carta comum de leitor, com a única diferença de que falava sobre histórias que não existiam e sobre uma revista que só seria publicada dali a um ano. Em sua introdução à carta do leitor, Campbell escreveu: "Hm-m-m — ele deve estar em outra faixa do espaçotempo. Receio que não seja este novembro de 1949".

Hoen elogiava (sem descrever) a capa da revista, feita por Rogers, capista habitual de *Astounding*; e a ilustração feita por Schneeman para a história de capa, "We Hail", escrita por Don A. Stuart (que, como se sabe, era um pseudônimo do próprio Campbell). O leitor considerava esta a melhor história da revista, seguida de perto por "Final Command" de A. E. Van Vogt ("sua melhor história desde 'Vault of the Beast', diz ele), "Gulf" de Anson MacDonald (pseu-

dônimo usado na época por Robert Heinlein), "Over the Top" de Lester del Rey. Outras histórias imaginárias elogiadas (mas nunca descritas) pelo leitor são "Finished" de L. Sprague de Camp e "What Dead Men Tell" de Theodore Sturgeon. Como complemento, ele também elogia artigos escritos por R. S. Richardson e Willy Ley.

Um editor comum teria achado graça na imaginação do leitor (o que os demais leitores certamente fizeram), e o assunto morreria por aí mesmo. Mas, como se sabe, John W. Campbell tinha uma fé ilimitada na capacidade transformativa da ciência e da ficção científica. Ele viu a brincadeira de Richard Hoen como uma boa oportunidade de mostrar aos seus leitores que o futuro é algo em aberto, que é possível ter idéias e transformá-las em realidade, e é possível até pegar uma idéia que alguém teve só de brincadeira e acabar transformando-a em fato.

Durante os meses que se seguiram, Campbell simplesmente encomendou, a cada um dos escritores citados na carta de Hoen, uma história qualquer sob o título inventado por Hoen. Como ele tinha um ano de prazo, e era um editor reconhecidamente "pentelho" quando se tratava de impor sua vontade aos autores, não era difícil.

No livro póstumo de cartas de Robert Heinlein, sua viúva Virginia lembra:

"Nesta época [começo de 1949], Robert estava procurando um tema para o conto "Gulf", que ele prometera a John W. Campbell Jr., para o número especial de *Astounding* em novembro de 1949. (...) O título nos deu a dica. A certa altura eu sugeri que talvez fosse possível fazer algo como a história de Mowgli — uma criança humana sendo criada por uma outra raça, e mantida sem contato com outros humanos até a maturidade. (...) Então, Robert foi para



seu escritório e escreveu dezoito páginas, em espaço-1, de anotações sobre esta idéia. Ele trabalhou a noite inteira, e produziu um monte de páginas com o título *The Man from Mars*."

As notas não foram aproveitadas. O conto "Gulf" que Heinlein acabou enviando para Campbell fala de um sujeito perseguido por uma organização secreta de super-homens, um clima meio parecido com o de *Slan*, com a qual Van Vogt explodira para o sucesso poucos anos antes. "Gulf" tem também um curioso truque criptográfico usado por dois prisioneiros, com cartas de baralho, para se comunicarem numa cela onde estão sob vigilância de câmeras 24 horas por dia. (O truque se baseia no fato de que um naipe tem 13 cartas, de modo que com dois naipes se podem codificar as 26 letras do alfabeto)

Campbell teve sucesso em suas outras convocações. Todos os escritores convocados enviaram as histórias que Richard Hoen tinha imaginado. Curiosamente, o único que falhou foi Don A. Stuart, o próprio Campbell, que não pôde escrever a história de capa, "We Hail". Em seu lugar entrou Isaac Asimov com "...And Now You Don't" (parte 1 de 3 partes), uma das histórias do "Mulo", na série *Fundação*.

Em novembro de 1949, para surpresa de muitos leitores e certamente para o pasmo de Richard A. Hoen, a página de índice de *Astounding Science Fiction* listava, além da história de capa assinada por Asimov, os títulos previstos pelo leitor um ano antes: "Gulf" de Heinlein (parte 1 de 2 partes), "What Dead Men Tell" de Sturgeon, "Over the Top" de Del Rey, "Final Command" de Van Vogt e "Finished" de De Camp. Não havia artigo de Willy Ley, mas havia o de Richardson; estava ausente a ilustração de Schneeman, mas a capa era de Rogers. No total, cerca de 75% de acerto. E Richard Hoen recebeu do editor um exemplar da revista, autografado por cada um dos colaboradores.

No editorial escrito para este número histórico, sob o título "Science-Fiction Prophecy", Campbell fala das diversas maneiras de predizer o futuro através da FC.

"O método padrão de fazer profecias corretas, e o que pode ser compreendido com mais facilidade, consiste simplesmente em pegar dados verificados em laboratório e expandi-los da escala microscópica para a escala macroscópica, e escrever uma história baseada numa aplicação macroscópica do que foi verificado."

Outro método, no entanto, se baseia na noção de que se um número suficientemente grande de pessoas deseja algo com intensidade, elas podem, cedo ou tarde, tornar real o objeto desse desejo. E ele dá um exemplo bem norte-americano, bem da época:

"Se existem 50 milhões de famílias dispostas a pagar duzentos dólares por um aparelho de televisão, existe um mercado de dez bilhões de dólares à nossa espera."

Campbell faz a seguir alguns comentários sobre viagens a outros planetas e a possibilidade do uso de foguetes para torná-las reais. E termina dizendo:

"Em geral, uma idéia desejável, e possível de concretizar, sugerida através de uma profecia, tem chances de se tornar realidade por sua própria existência como idéia."

Como, por exemplo, este número específico de *Astounding Science Fiction*."

O editor em momento algum dá pistas de como este "número específico" da revista foi resultado de uma profecia. Talvez a brincadeira iniciada por Richard Hoen tenha se tornado tão popular entre os leitores que seria mais interessante simplesmente mandar a revista para as bancas sem nenhuma explicação, "fazendo de conta" que a profecia não existira. E quanto às pequenas incorreções, Campbell informou, na seção de cartas do exemplar de março de 1950:

"A maior parte das profecias apresenta pequenos detalhes que não coincidem. Seria um mundo muito sem graça, aquele onde não houvesse a possibilidade de variação numa profecia!"

No entanto... Além das reflexões de Campbell sobre a capacidade pre-cognitiva da FC, o episódio deixou um interessante subproduto. As anotações feitas inicialmente por Heinlein para "Gulf", a partir da sugestão

de Virginia sobre um humano criado entre uma raça estrangeira, acabaram sendo retomadas em meados de 1952. Heinlein trabalhou duro nessa idéia. Um ano depois, em junho de 1953, Heinlein escrevia para seu agente literário Lurton Blassingame que talvez tivesse nas mãos "um grande livro".

Em janeiro de 1955, em nova carta a Blassingame, Heinlein anuncia:

"Estou agora na página 68 de Um Marciano Chamado Smith, que será um romance para adultos, ou seja, terá mais sexo e mais palavras do que é aceitável em livros juvenis."

Em março de 1960, ele informa a Blassingame que terminou por fim o livro, que ficou com cerca de 800 páginas, e diz: "Estou exausto após 63 dias preso a esta máquina de escrever, trabalhando de doze a catorze horas por dia". Finalmente, em 1961, é publicada pela editora Putnam a primeira edição de *Stranger in a Strange Land*.

Seria exagero dizer que, sem a brincadeira de Richard Hoen e a encomenda para escrever "Gulf", Heinlein jamais teria chegado à idéia desse livro. Afinal de contas, o ponto de partida para o enredo — "Mowgli entre alienígenas" — poderia acabar surgindo em mil outras circunstâncias. Mas, como não foi isto que ocorreu, podemos apenas registrar o encaadeamento casual e causal de fatos históricos que, de um gracejo imaginativo de um leitor, gerou uma revista inteiramente "fabricada por antecipação" e, a longo prazo, resultou num dos romances mais influentes da FC em todos os tempos.

Aliás, só para encerrar, talvez seja interessante transcrever as opiniões do próprio Heinlein sobre *Stranger in a Strange Land*. O parágrafo abaixo é uma montagem de frases dele sobre o livro, extraídas de *Grumbles from the Grave*.

"Este romance não é ficção científica, e não se parece em nada com o que eu escrevi antes dele."

A história deve ser vista como um exame completamente à-rédeasolta da cultura humana contemporânea, do ponto de vista não-humano do Homem de Marte. É uma sátira Cabellesca [à maneira da James Branch Cabell, autor de *Jurgen*] sobre

religião e sexo, e não pode ser considerada ficção científica, nem pelo maior esforço de imaginação.

*Stranger* é um conto de fadas: se ele diverte o leitor, ele recebeu a recompensa pelo dinheiro investido. Se o leitor extrair dele algo mais, é um bônus gratuito. Mas diabos me levem se eu me dispuser a "explicar" seja o que fôr do livro.

Pela primeira vez em minha vida eu me dei o luxo de escrever sem ter um olho o tempo todo no mercado, nos tabus, etc. Eu gostaria agora de descobrir se posso escrever sobre assuntos adultos num livro para adultos, e conseguir publicar tal livro. Quero escrever o meu próprio material, à minha maneira."

E para encerrar, uma observação de Virginia Heinlein. Durante o tempo em que trabalhou no romance, Heinlein pensou vários títulos provisórios, além de *A Martian named Smith: The Heretic*, *The Sound of His Wings*, *A Sparrow Falls*, *Born Unto Trouble* (inspirado no Livro de Jó, 5:7), *That Forbidden Tree* (inspirado em John Milton), *Of Good and Evil* (Genesis 2:17). No final, diz Virginia, ninguém mais conseguiu se lembrar de quem partiu a sugestão para o título *Stranger in a Strange Land*.

#### **Obras consultadas:**

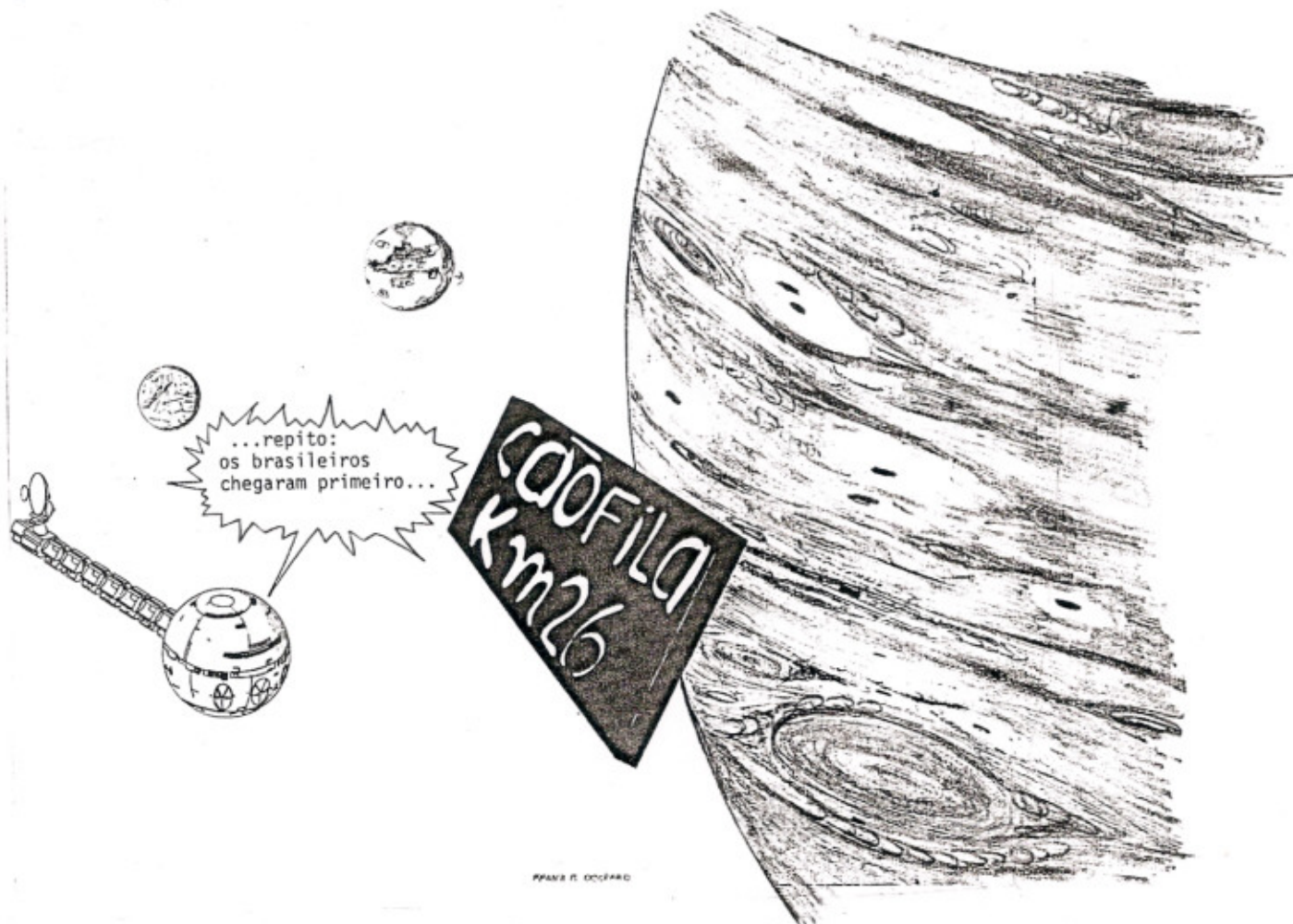
\* *The World of Science Fiction – The History of a Subculture*, de Lester Del Rey (New York: Ballantine/Del Rey, 1979).

\* *A Requiem for Astounding*, de Alva Rogers (Chicago: Advent, 1964).

\* *Grumbles from the Grave*, editado por Virginia Heinlein (New York: Ballantine/Del Rey, 1989).

\* *Astounding Science Fiction*, novembro 1948.

\* *Astounding Science Fiction*, novembro 1949.



Roberval Barcellos estreou nas páginas do *Megalon* 58 com o poema "Nossos Mundos Alternativos", uma criativa homenagem à temática das Histórias Alternativas. Agora estréia em prosa com uma história estranha e muito divertida sobre um sujeito que acorda em um mundo totalmente ao contrário de nossos valores e convenções sociais. O interessante é que ao parecer uma crítica mordaz ao exagero das posturas éticas e sociais do 'politicamente correto' de nosso mundo contemporâneo, o autor está na verdade fazendo uma reflexão mais oportuna, ao colocar atitudes absurdas numa perspectiva real e perturbadora.

# O MUNDO POLITICAMENTE INCORRETO

□ **Roberval Barcellos**

Euclides acordou num banco de praça, diante de transeuntes afobados que iam em todas as direções e pareciam ignorar tudo à sua volta, no frenesi urbano do cotidiano.

Ele, envergonhado, lembrou-se apenas de haver passado a noite a beber cerveja — muita cerveja — com alguns amigos e concluiu que estaria ali porque se embebedou e os demais, provavelmente mais bêbados do que ele, deixaram-no ali e desmaiaram nalgum outro banco.

Euclides pôs a mão no bolso da calça e viu que sua carteira ainda estava ali, com o dinheiro e documentos.

Antes de se levantar e ir embora, Euclides olhou para o lado e reparou numa placa onde lia-se: NÃO PISE NA PLACA.

O gramado verdejante parecia intocável e as calçadas estavam limpas. Ele pensou em ir para casa, mas de onde? Sequer poderia imaginar onde estaria ou que lugar era aquele. Se ainda estivesse em sua cidade teria certeza de que nunca estivera naquele bairro.

— Ei, menino! — Gritou apontando para um garoto que ali passava. — Ei, menino! Você se importaria em dar-me uma informação?"

O garoto aproximou-se sorridente e indagou:

— Essa foi boa! De onde o senhor tirou essa idéia?

— Que idéia? — Perguntou Euclides tentando adivinhar o que dissera de estranho.

— Essa sua idéia de que alguém dá informação.

— Por quê? Acaso aqui se vendem informações?

— Mas é claro! — respondeu o garoto —, tem que pagar pela informação.

Sem acreditar no que ouvia, Euclides sorriu e tentou sensibilizar o garoto.

— A mim você poderia dar a informação? Eu sou pobre.

— Eu sei — respondeu o garoto —, sua roupa é horrível, seus sapatos estão muito gastos e você é preto. Pretos são quase sempre pobres, a exceção dos artistas e atletas.

Euclides precisou se beliscar para ter certeza de que aquilo não seria um sonho.

— Escute aqui, menino, eu só quero uma informação...

— Mas tem que pagar!

— Lembra-se que eu lhe disse que sou pobre?

— Claro! Só se cobra de pobre. Ninguém em seu juízo perfeito cobraria de um rico.

— E por que não?

— Porque são os pobres que gostam de pagar. Além do mais o senhor é preto e os pretos devem pagar em dobro aos brancos e eu sou branco, sacou?

Euclides sacudiu a cabeça e contou até dez. Preferiu mandar o garoto embora do que dar-lhe um curso intensivo de boas maneiras. Depois ele se levantou e começou a caminhar pela calçada. Parou diante do que parecia ser um ponto de ônibus e ali ficou, na esperança de ver passar um que o levasse a algum lugar conhecido.

Euclides olhou para o lado e reparou num homem que urinava num hidrante e reparou no que pareciam ser portas de um banheiro público ao lado, mas arregalou os olhos quando leu o que estava escrito nas portas: CACHORROS / CACHORRAS.

Que cidade era aquela? Perguntava-se Euclides. Num outdoor de anúncio de cigarros lia-se: O MINISTÉRIO DA CULTURA ADVERTE: QUEM FUMA PARECE UM INTELECTUAL. Inacreditável!

Veio um ônibus. Euclides nem leu o destino, apenas entrou na esperança de sair daquele lugar esquisito. Diante da catraca o cobrador avisou-lhe:

— Quer pagar o quê? Você tem menos de sessenta anos!

— Não vai me dizer que só os maiores de sessenta pagam a passagem?"

— Claro! E quem mais? Os surfistas?

Euclides passou pela catraca sem pagar e olhando para os lados, pensando que estivesse sendo alvo de alguma daquelas 'câmeras escondidas'. Ele sentou-se e à sua frente sentou uma velhinha. Logo em seguida apareceu um garotão que disse a ela:

— A senhora não sabe ler? Esse lugar é reservado aos jovens!

A velhinha levantou-se pedindo desculpas e ficou viajando de pé. Euclides até pensou em lhe ceder o lugar, mas do jeito que aquelas pessoas agiam, seria provável que ela o compreendesse.

Euclides reparou que o ônibus andava em círculos, portanto, tentou informar-se com o motorista, mas ao se aproximar, ele simplesmente apontou para uma placa onde lia-se: NUNCA FALE COM O MOTORISTA AINDA QUE INDISPENSÁVEL.

Isto posto, Euclides puxou a cordinha, fazendo sinal para o ônibus parar. Ao descer reparou que estava no mesmo lugar em que embarcara naquele ônibus. Como se estivesse

sem esperanças, ele pôs as mãos nos bolsos da calça e caminhou pelas calçadas daquela cidade insana cheia de placas esquisitas e outdoors obscenos, como um que anunciava um belo carro esporte com uma linda mulher sentada no banco do carona e lia-se logo abaixo: MULHERES PREFEREM HOMENS DE CARRÕES. COMPRE O SEU E GANHE A SUA.

Ao deparar-se com o que parecia um shopping center, Euclides reparou numa mulher que estava numa cabine onde lia-se: VENDE-SE INFORMAÇÕES. Ele desistiu de tentar entender, pegou a carteira e foi logo perguntando:

- Quanto custa a informação?
  - Custa cinco reais, mas como o senhor é preto...
  - Já sei. Pago em dobro. Tome seus dez reais.
- A mulher conferiu o dinheiro e perguntou:
- O que o senhor quer saber?
  - Quero saber aonde está.
  - Esta é fácil. O senhor está aqui na cidade.
  - Mas que cidade é essa?
  - Isso já é outra informação.

Euclides não se conteve. Segurou a moça pelo pulso e insistiu:

- Eu paguei pela informação. Quero saber que diabos de cidade maluca é essa e como eu vim parar aqui.
- Moço, o senhor está me machucando. Se continuar assim vou chamar a Polícia e como o senhor é preto e, pelo visto, pobre, o que eu disser eles concordarão.
- O que você disse?
- Socorro! Polícia!

Em segundos surgiram dois policiais bastante robustos e mal-encarados que foram logo segurando-o cada um por um braço. Um deles virou-se para a moça e perguntou:

- Este sujeitinho aqui está perturbando-a, senhora?
- Sim — respondeu ela —, ele queria uma informação pela qual não pagou.

— Isso é mentira! — Gritou ele, irritando ainda mais os policiais. Um deles sacudiu-o com força e disse-lhe:

- Você está pensando que somos idiotas? Ela é branca, bonita, jovem e está bem vestida e você é preto, feio, meio careca e está mal vestido. Quem tem razão? Você ou ela?

— Isso tudo é um absurdo! — esbravejou Euclides —, eu quero um advogado e vou processar vocês e toda esta cidade racista.

Um dos policiais riu e disse:

— Todos querem advogados hoje em dia, até os pobres. Como você vai pagar?

- Isso é problema meu! Quero um advogado!

Os policiais se entreolharam e um deles falou:

— Lugar de se chamar advogado é na delegacia. Vamos levá-lo.

E sob olhares de cidadãos que pareciam concordar com as atitudes dos policiais, Euclides foi levado e jogado 'aos costumes' dentro de um camburão e levado para a delegacia, onde um delegado foi logo perguntando:

- Rico ou pobre?
- O senhor não quer saber o meu nome primeiro? — Indagou Euclides.

— Para quê? — Desdenhou o delegado. — Ninguém se interessa por pobres, mas se o senhor for rico terá direito a um tratamento diferenciado, inclusive a um advogado caro e eficiente que será pago pelos contribuintes e será julgado pelos artigos do Código Penal Elitista que prevê penas mais

brandas e direito à indenização por danos morais mesmo que a justiça venha a considerá-lo culpado. Já se você for pobre... que se vire!

— Isso é ridículo! Isso não pode estar acontecendo! Eu quero igualdade de direitos até porque não fiz nada!

— E daí? — Perguntou o delegado. — Por acaso o senhor acha que para ser preso precisa ter feito algo de errado? Pois fique sabendo que eu já prendi mais de cem que não haviam feito nada.

- Mais de cem? — Perguntou Euclides horrorizado.

— Neste mês — Respondeu o delegado sorrindo. — E olha que o mês ainda não acabou, meu prezado suspeito.

- Mas e eu? Posso chamar um advogado?

— O senhor ainda não respondeu à minha pergunta. Rico ou pobre?

- Rico. Eu sou muito rico.

— Pois bem. Pode ir pagando a taxa de tolerância. São dois mil reais.

- Taxa de tolerância? Que taxa é essa?

— Está na tabela dos Ganhos Extra-oficiais. Toda ilegalidade que fazemos é dentro da lei, afinal somos pessoas honestas.

— Delegado, tenho que lhe confessar uma coisa — disse Euclides, — eu não tenho dois mil reais porque eu sou pobre.

O delegado franziu a testa, levantou-se, deu um soco na mesa e gritou:

- Levem esse safado para a cela!

Enquanto era levado, Euclides teve a sensação de que morreria em breve se continuasse naquele mundo louco.

Ele foi jogado numa cela onde havia um padre, uma mulher e um velho. Este último aproximou-se dele e perguntou:

- O que foi que você não fez que o jogaram aqui?

- Eu não agredi uma moça num shopping.

O velho riu e disse:

— Eu estou aqui por tanta coisa que não fiz que nem me lembro da última.

Euclides tirou um lenço do bolso, enxugou o suor do rosto e indagou:

- Como o senhor pode não saber o que fez ou não fez?

O velho pigarreou e respondeu:

— É porque eu sou analfabeto. Como neste país tudo está escrito, eles dizem que eu não tenho direitos porque não posso lê-los.

— Alguma vez alguém foi culpado por não saber ler ou escrever? Se o senhor não sabe ler eles tem a obrigação de designar alguém para ler o texto legal para o senhor, nunca puni-lo por causa disso.

A mulher que a tudo ouvia ria sem parar. Euclides olhou para ela e perguntou:

— Qual é a graça? Acha engraçado alguém estar preso tanto tempo sem ter feito nada? Mesmo que tivesse feito nunca é bom rir da desgraça dos outros.

— É que para um pobre o senhor faz um bocado de estardalhaço", respondeu ela.

- Por acaso você é rica?" Perguntou Euclides.

— Eu não — respondeu a mulher —, eu sou pobre e sei qual é o meu lugar, não fico por aí reclamando direitos que não tenho.

Euclides sacudiu a cabeça e comentou:

— Eu não sei mais o que me assusta, se esta cidade ma-  
luca ou o conformismo de vocês. Parecem apáticos, quase  
mortos-vivos.

O padre aproximou-se de Euclides e indagou:

— Por acaso você veio de algum lugar diferente?

— Sim, padre. Eu vim de um lugar onde também há in-  
justiças, mas que ao menos temos vontade de nos opormos a  
elas. Vocês parecem que sofreram lavagem cerebral.

O padre andou em círculos e especulou:

— Já ouvi relatos de pessoas que afirmaram terem sido  
transportadas para um mundo assim e muitos tendem a assi-  
ciar tais relatos à religiosidade, pois a Igreja sempre protes-  
tou contra a falta de ética em nosso mundo.

A mulher riu novamente e disse a Euclides:

— Você parece muito com o personagem principal de  
uma peça engraçadíssima que eu vi antes de ser presa.

— Que peça?

— Está em cartaz no Teatro Central e chama-se O  
MUNDO POLITICAMENTE CORRETO. É engraçada e  
surrealista, aliás, irrealista.

E voltou a rir. Euclides se aproximou do padre e disse:

— Preciso ver o autor dessa peça, padre. Talvez ele sai-  
ba como sair daqui.

— Por que? Indagou o padre. — Só porque escreveu  
uma peça cujo personagem principal é, segundo esta mulher,  
parecido com você?

— Eu não sei, padre. Mas sei que devo sair daqui.

O padre deu mais uma volta pela cela e disse:

— Eu irei ajudá-lo, mas deve concordar com tudo o que  
eu disser. De acordo?

— Claro, padre. Farei qualquer coisa.

O padre sorriu e começou a chamar pelo carcereiro que  
não demorou a vir.

— Que gritaria é essa aí?

— Quero propor-lhe algo, policial — disse o padre —,  
em vez de vocês prenderem este pobre homem por algo que  
ele não fez, por que não colocam a culpa neste velho analfa-  
beto? Ele já está encrencado mesmo! Aproveita que ele é  
analfabeto, cumpra com o seu dever de apurar crimes —  
mesmo os que não aconteceram — e esvazie a cela.

O carcereiro ficou pensativo e Euclides ouvia a tudo in-  
crédulo enquanto o padre usava os argumentos mais  
absurdos que já ouvira, sob o olhar de conivência da mulher  
que piscava para ele em sinal de aprovação.

— Eu vou falar com o delegado, afinal é ele quem  
monta os esquemas.

— Então vá, meu filho — pediu o padre —, e que Deus  
o abençoe.

O carcereiro se afastou e voltou pouco depois com o de-  
legado, que disse:

— Tudo bem, padre. Mas faremos isso com a condição  
de que o rapaz aí assine a confissão do velho na qualidade de  
testemunha.

— Então vocês vão fazer mesmo isso? — Indagou Eu-  
clides. — Vão redigir um depoimento falso para este pobre  
velho assinar?

— Claro que não! — Respondeu o delegado. — Nós já  
temos um estoque de depoimentos redigidos para o caso de  
aparecer algum bode expiatório para assinar. Se este fosse  
um país civilizado, nós teríamos uma delegacia informatiza-

da e estes depoimentos forjados ficariam gravados em dis-  
quetes, economizando tempo e espaço.

O carcereiro abriu a cela e tirou Euclides e o velho. Antes  
de sair ele virou-se para a mulher e indagou:

— O que você fez (ou não fez) para estar aqui?

— Eu exerci a prostituição para poder sobreviver, pois  
estava passando fome.

— E isso é crime aqui?

— Prostituição? Não! Eles até incentivam. Crime é  
admitir que passou fome.

Antes que ele pudesse agradecer ao padre foi arrastado  
para fora pelo carcereiro e levado aos trancos até a sala  
do delegado.

— Droga! — Gritou o delegado. — Só encontrei de-  
poimentos de confissão de estupro! Bem... não tem tu vai tu  
mesmo! Assinem aqui e aqui.

Pela primeira vez em sua vida Euclides assinou um do-  
cumento sem ler — e ficou feliz com isso.

Mas... como ele descobriria o tal teatro? Pedir informa-  
ção nem pensar! Eles só vendem e mesmo assim é arriscado.  
Jornal! É isso! Pensou Euclides como se num estalo. Bastava  
ir à banca de jornal mais próxima e comprar um exemplar.

Numa banca ele comprou um jornal que custava R\$ 1,00  
por R\$ 3,00 (um real a mais por ser preto e mais um real por  
ser pobre) e sentou-se num banco da praça para ler, mas teve  
que levantar-se ao reparar numa placa: RESERVADO  
PARA RICOS

O jornal mantinha-o numa espécie de elo com o seu  
mundo verdadeiro com manchetes do tipo: GOVERNO  
CORTARÁ VERBA PARA SAÚDE PÚBLICA ou ainda  
DINHEIRO DAS PRIVATIZAÇÕES NÃO SERÁ RE-  
VERTIDO EM BENEFÍCIOS PARA O POVO. O jornal re-  
servava aos assuntos policiais o maior número de páginas e  
criticava a não tributação das aposentadorias. Ele riu ao  
constatar que a intersecção entre o mundo dele (que se pre-  
sume politicamente correto) e este mundo (declarado politi-  
camente incorreto) é justamente a política.

Euclides foi direto para o caderno de variedades e achou  
o que queria: o endereço exato do tal Teatro Central e seguiu  
para lá — a pé.

Já estava quase anoitecendo quando chegou ao teatro, um  
prédio antigo caindo aos pedaços com o letreiro anunciando:  
O MUNDO POLITICAMENTE CORRETO.

Euclides pagou o preço da entrada (o triplo) e entrou,  
mesmo sabendo que a peça já havia começado. Lá dentro  
havia lotação parcial e ele sentou-se na última fileira. No  
palco dois personagens — que ele reconheceu como sendo o  
delegado e o preso — conversavam diante de uma platéia  
que parecia tomada por um ataque de riso.

— Mas senhor delegado, eu sou inocente — disse o per-  
sonagem 'o preso' —, eu quero um advogado pago pelo Es-  
tado porque sou pobre.

— Claro, cidadão — respondeu o delegado —, todos  
têm direitos iguais e se o senhor não puder pagar um advo-  
gado, o Estado designará um Defensor Público. Quero dizer-  
lhe ainda que o senhor não deve depor se não quiser.

— Então não quero — replicou o preso.

— Tudo bem, senhor — disse o delegado, — aqui todos  
os seus direitos são observados e respeitados.

Gargalhada geral na platéia, seguida de aplausos (fim  
deste ato).

Novamente as cortinas se levantaram e via-se no palco um homem e uma mulher sentados num banco.

— Eu não posso me casar com você, minha querida. Eu sou pobre e só agora estou começando a subir na empresa. Isso vai levar tempo...

— E daí, meu bem? — Indagou a mulher como se quisesse consolá-lo. — Não faz a menor diferença ser rico ou pobre para se gostar de alguém. Desde quando o dinheiro é mais importante do que o amor?

A platéia não se continha. Gargalhava.

— Mas, minha querida, você é jovem, bonita, inteligente... deveria escolher um bom partido para se casar...

Alguém na platéia gritou: — Bonita sim, inteligente não!

— O que pode ser mais importante do que amar? Se tivermos que trabalhar para nos sustentarmos, então trabalharemos e, juntos, venceremos. Quero ter filhos com você e me orgulharei de todos eles, nunca gostarei mais de um filho do que de outro se um for feio e o outro bonito.

Ouviu-se gritos de 'Mentirosa!' entre gargalhadas.

O homem e a mulher ficaram de pé e ele disse, segurando as mãos dela:

— Vamos nos casar! Que tal numa Igreja Católica?

— Mas eu sou protestante! — Disse ela.

— Então vamos nos casar só no civil — sugeriu ele —, não podemos deixar que nossas crenças interfiram em nossa relação. Devemos nos respeitar para nos amarmos mais e, se um dia você quiser, irei contigo aos seus cultos só pelo prazer da sua companhia.

A mulher sorriu e disse:

— Oh! Meu amor! Deus não criou Igrejas, Deus criou um mundo lindo para nos amarmos. E não precisa ir comigo aos meus cultos só para me agradar. Você já me agrada mostrando que se importa comigo.

E os dois encerraram este ato com um longo beijo sob gargalhadas da platéia.

Muitos atos depois Euclides esperou o fim do 'espetáculo' para procurar o autor da peça. Nos camarins ele deduziu que seria o homem com uma boina na cabeça.

— Boa noite, o senhor é o produtor e autor da peça?

— O senhor é crítico de teatro? Perguntou o homem de boina.

— Mais ou menos. Por quê?

— Porque só aceito críticas favoráveis.

— E se for desfavorável?

— Não aceito! Eu sou um gênio! Não posso admitir que não me entendam e muito menos que não me aplaudam.

Euclides olhou à sua volta e disse em voz baixa:

— Eu preciso de ajuda e acho que o senhor é o único que pode me ajudar.

— Nem pensar! Mas se tiver dinheiro...

Euclides agarrou o dramaturgo pela gola da camisa com as duas mãos e disse:

— Escute aqui! Eu não sou daqui e acho que você também não é, portanto trate de me ajudar ou eu quebro a sua cara para ser preso de novo, mas dessa vez com um bom motivo...

— Entendi. Me solte, por favor — pediu o dramaturgo.

Euclides soltou o homem que primeiro ajeitou sua camisa e depois disse:

— De onde você acha que veio?

— De um mundo igual — ou muito parecido — com o de sua peça. Cheguei hoje pela manhã mas não sei como e quero voltar.

O dramaturgo abriu uma porta que dava para uma sala e disse:

— Entre! Aqui conversaremos melhor.

Os dois entraram e o dramaturgo ofereceu um café a Euclides. Diante de sua hesitação, avisou:

— Pode beber sem medo. É de graça.

Euclides arregalou os olhos e, antes de aceitar o café, comemorou:

— Eu estava certo! Você não é daqui!

O dramaturgo bebeu um gole de café e disse:

— Tem razão. Eu vim do mesmo lugar de onde acho que você veio. Aliás, o meu nome é Telêmaco.

— Muito prazer, Euclides.

Após rápido aperto de mãos, Telêmaco indagou:

— Como me achou?

— Fui ajudado por um padre. Ele nem cobrou...

— Por um padre? Então você esteve preso!

— Sim. Por quê? Algum problema com os padres?

— Eles volta e meia são presos por 'exercício ilegal da caridade' e coisas do tipo. Nunca diga a ninguém que o padre ajudou-o sem cobrar, pois pode complicar a vida dele.

Euclides pôs as mãos na cintura e falou com indignação:

— E você vive aqui, neste mundo louco? Isto é a distopia encarnada do 'politicamente incorreto', um pesadelo!

Telêmaco fitou-o e perguntou:

— Quer que eu o ajude a sair daqui, não quer?

— Sim, eu quero.

— Então pare de me fazer perguntas, senão vou cobrar. Venha! Acompanhe-me!

E os dois saíram esbaforidos, descendo por uma estreita escadaria. No corredor Euclides avistou um cartaz onde lia-se: POBREZA É CAFONA.

— Lembra-se onde estava quando chegou aqui? — Perguntou Telêmaco quando desciam pelas escadas correndo.

— Claro! — Respondeu Euclides. — Eu estava deitado num banco de praça no centro desta cidade maluca.

— Qual praça? Há muitas praças no centro.

— Uma que... tinha banheiros para cachorros...

— Praça da Dissimulação.

— Qual é o nome?

— Esqueça! Nomes não importam agora. Devemos ir.

Enquanto se encaminhavam para o estacionamento no subsolo do prédio do teatro, uma bonita jovem gritou:

— Telêmaco! Espere! Aonde você vai?

Ele, antes de abrir a porta de um luxuoso automóvel, virou-se e disse-lhe:

— Agora não posso falar com você. Devo levar esse... meu amigo ao aeroporto e ele está bastante atrasado.

A mulher fez cara de indignada e rebateu:

— Há semanas que você vem prometendo levar-me para jantar. Depois sua peça sai de cartaz, você não faz mais sucesso e aí? Se quiser sair comigo aproveite enquanto está rico e famoso.

— Depois, Ana, depois.

Telêmaco não disse mais nada. Entrou no carro com Euclides e saiu em disparada. Euclides indagou:

— Você nunca pensou em ir embora daqui?

— Por que deveria?

— Este mundo é... insano. Veja só aquela mulher do estacionamento.

— O que tem ela?

— Aquela é a pessoa mais amoral que já vi!

Telêmaco, sem tirar os olhos da estrada, disse:

— Eu lhe garanto que você já conheceu pessoas muito piores do que ela, mas nunca reparou porque estavam dissimulando.

**E**uclides achou melhor não entrar neste mérito agora, até porque naquela velocidade não seria aconselhável desviar-lhe a atenção.

Após alguns minutos em alta velocidade, Telêmaco freiou bruscamente e saiu do carro. Euclides reconheceu a praça como sendo aquela em que acordou nesta manhã.

— Consegue lembrar-se em que banco estava? — Perguntou Telêmaco.

— Acho que... acho que não.

Telêmaco puxou-o pelo braço e levou-o até um banco e apontou, dizendo:

— Por acaso você estava naquele banco?

Euclides fez um esforço de memória e respondeu:

— Isso! Foi nesse mesmo! Mas como você adivinhou?

Pelo silêncio de Telêmaco, Euclides deduziu:

— Foi por aqui que você chegou, não foi?

— Que diferença isso faz? É você quem quer ir embora e não eu!

— Prefere viver aqui?

— Prefiro.

— Mas por quê?

— Porque aqui as coisas são como realmente são, sem hipocrisias.

Euclides sacudiu a cabeça e disse:

— Então você acha que este mundo é melhor do que o nosso só porque eles não são hipócritas?

— Isso mesmo — respondeu Telêmaco com a voz de quem já sofrera muitas decepções e que tinha pouco para lembrar.

— Acha o quê, Telêmaco? Que eles são sinceros? Verdadeiros? Eles são cínicos! Não possuem autocrítica nem a admitem, apenas limitam-se a aceitar.

— E no nosso mundo, Euclides? O que lá há de tão bom? Você viu a minha peça, não viu? Reparou na personagem 'a noiva'? Já viu na sua vida alguém como ela?

— É claro que sim! De onde viemos há pessoas boas, coisa rara aqui.

— Mentira! Você conheceu mulheres iguais àquela do estacionamento, com a diferença de que souberam dissimular e, conseqüentemente, o enganaram.

— Então foi assim, Telêmaco? Alguma mulher lhe fez algum mal tão grande que você prefere viver neste mundo ruim?

Telêmaco calou-se. Olhou para as estrelas e meditou:

— Veja o céu. É tão bonito quanto o de onde viemos. Aqui não há hipocrisias, mas se é o que há de mais longe do paraíso, o nosso mundo deve ter a mesma distância.

— Eu acho que não. Se por um lado mentimos, haverá sempre pessoas a protestar contra as mentiras. Este é um mundo habitado por pessoas que cultivam e institucionalizam seus piores instintos. No nosso mundo os pobres ao menos têm voz, mesmo que seja um murmúrio.

Euclides parou de falar quando reparou num guarda que espancava um anão e bradava que fazia-o porque não gostava de anões: — Anão tem mais é que morrer!

— Isso é normal? Isso é insanidade! — afirmou Euclides.

Telêmaco olhou à sua volta contemplativamente e falou:

— Para mim chega! Defeitos muitos têm. O que eu quero é quando alguém se aproximar de mim, ir dizendo logo o que quer e o que espera, sem dissimulações.

— Isso foi um elogio a leviandade? Precisamos de um mínimo de ética para vivermos bem. Se alguém mente e outras reconhecem que esta pessoa errou porque mentiu, é porque há um conjunto de valores que repreende a mentira e considera-a um mal. Quando ignoramos a ética e desfazemos todos os valores, o resultado é um mundo cheio de pessoas frias, capazes de achar que caridade é algo ultrapassado.

— Nosso mundo não é tão diferente assim.

— Ao menos tem gente querendo mudar.

— Geralmente morrem tentando.

— Melhor do que viver em vão.

Telêmaco e Euclides se encararam e aquele disse:

— Você deve voltar. Ainda tem fé. Eu não. Aprendi a conviver com pessoas vazias. Volte... e boa sorte!

Euclides sorriu e agradeceu:

— Obrigado por tudo, Telêmaco. Espero que um dia você recupere a sua fé nas pessoas e volte... ou tente mudar algo por aqui.

— Quem sabe... agora deite-se no banco, feche os olhos e tente dormir. Eu estarei por perto e ficarei até você partir.

Euclides sorriu e obedeceu. Sentiu-se um pouco ridículo por estar deitando-se num banco de praça, mas obedeceu. Fechou os olhos e tentou dormir. Aos poucos o barulho da rua e do trânsito foi diminuindo até desaparecer... e novamente aumentar...

Sentiu uma queadura no rosto e abriu os olhos. Estava noutra praça e era dia. Euclides levantou-se procurando por uma placa e achou uma diante de um gramado mal-cuidado onde lia-se: **NÃO PISE NA GRAMA.**

Ainda incrédulo, ele olhou ao redor e parou uma jovem colegial.

— Poderia me dar uma informação, jovem?

— Claro, senhor. Em que posso ajudá-lo?

— Já ajudou. Muito obrigado.

A moça nada entendeu, mas viu que ele ficou feliz. Aos poucos foi reconhecendo o lugar e constatou que havia voltado. Teria aquilo tudo sido apenas um pesadelo? Melhor esquecer. Nunca mais veria nada tão louco em toda sua vida.

Ele fez sinal e parou um ônibus, no qual subiu. Pagou a passagem, sentou-se e em seguida deu o lugar para uma idosa que havia subido depois dele.

Ao fazer a curva, Euclides olhou pela janela e reparou num teatro que ficava num prédio velho e onde lia-se no cartaz:

**NÃO DEIXE DE ASSISTIR AO GRANDE  
SUCESSO DA TEMPORADA:  
'O MUNDO POLITICAMENTE INCORRETO'**

**F I M**

# As Antologias Temáticas da Ficção Científica Brasileira

□ Roberto de Sousa Causo

**E**ncaremos os fatos: Quando pensamos em ficção científica, pensamos em ficção científica americana ou inglesa. Não importa que subgênero da FC — de viagens no tempo a contatos imediatos, de invasões à colonização de outros planetas —, todos os caminhos parecem ter sido palmilhados antes por um americano ou inglês.

A primeira medida que as outras ficções científicas ao redor do mundo devem tomar para fazer frente a essa avassaladora influência, é a “substituição paradigmática”, ou a inclusão de histórias locais, junto ao rol de obras de cada subgênero.

Um caminho nesse esforço é representado pelas antologias temáticas, muito abundantes também no mundo da FC anglo-americana. Nelas, é fornecido um instantâneo concentrado de um tema ou subgênero, termos de comparação são fornecidos e tendências podem ser reconhecidas.

A primeira antologia temática da FC brasileira foi lançada em 1989 por Gumercindo Rocha Dorea, o mais importante editor da história do gênero no Brasil. Chamou-se *Enquanto Houver Natal...*, seu tema bem expresso no título. Antes Dorea havia organizado a primeira antologia de FC nacional, *Antologia Brasileira de Ficção Científica*, em 1961.

*Enquanto Houver Natal...* é provavelmente a única antologia de FC natalina, no mundo. Dorea sempre teve pendor para temas cristãos na FC — publicou alguns clássicos nessa linha, como *Um Cântico Para Leibowitz* e *Um Caso de Consciência* — e esse volume era um sonho que ele nutria desde a década de sessenta. Presentes, pela primeira

vez, autores da chamada “Geração GRD” (os patrocinados por Dorea em 1960-65), incluindo Dinah Silveira de Queiroz e Álvaro Malheiros — além do recém-falecido jornalista Frederico Branco —, e os pertencentes à “Renascença” ou “Segunda Onda” da FC brasileira (1982 em diante), gente como Henrique Flory, José Fernandes, Marien Calixte e Ivan Carlos Regina.

Nossa segunda antologia temática também é produto GRD: *Dinossauria Tropicalia*, lançada durante a “dinomania” provocada pelo filme *Jurassic Park*, em 1994. Foi organizada por mim e incluiu Finisia Fideli, Miguel Carqueija, Daniel Fresnot, Ricardo Teixeira, Pereira Lima (com um poema), Leonardo Hanoum, Cesar R. T. Silva, Gerson Lodi-Ribeiro e Jorge Luiz Calife. O conto de Teixeira, “A Nuvem”, tem dinossauros só *en passant*, mas acabou recebendo o Prêmio Nova de FC naquele ano. O livro aborda o tema com enfoques variados e inventivos. Está esgotado e mereceria reedição, talvez somando contribuições internacionais.

A terceira é uma antologia que fez aproximar a brasilidade à FC, *Outras Copas, Outros Mundos* (1998), editada por Marcello Simão Branco para a Editora Ano-Luz. Escrevendo FC e fantasia sobre futebol estão Octávio Aragão, Adriana Simon e Carla Cristina Pereira (estréias que o livro trouxe), Fábio Fernandes, Ataíde Tartari, Ivan Carlos Regina, Gerson Lodi-Ribeiro, Braulio Tavares, Carlos Orsi Martinho, Cesar R. T. Silva e o próprio Branco, também um estreante. Embora um tanto irregular, o livro mostra que não há “assunto brasileiro” que não possa ser abordado pelo gênero.

*Estranhos Contatos* (1998) foi a quarta antologia temática, a primeira a se compor com histórias nacionais e estrangeiras. Foi organizada por mim para a Caioá Editora, e tem a ufologia como tema. Dividido em seções, o livro traça um panorama da ufologia, de contatos no passado à subcultura formada por pesquisadores, “contatados” e escritores que se dedicam ao assunto. Os participantes são Nilson D. Martello, Rubens Teixeira Scavone (da Geração GRD), os norte-americanos Philip K. Dick, Arlan Andrews e Thomas M. Disch, o inglês Charles Sheffield (com a novela premiada com o Nebula 1994, “Georgia on My Mind”), o índio brasileiro Daniel Munduruku, além de Carlos Orsi Martinho, Cid Fernandez, Anna Creuza Zacharias, Marien Calixte, Ataíde Tartari, Ivan Carlos Regina e Finisia Fideli. A proposta didática, relativamente bem aceita pela comunidade ufológica, não esconde o propósito central do livro: Tornar boas histórias acessíveis e provar que, no estágio atual do gênero no Brasil, nossos autores não fazem feio, quando lado a lado com nomes anglo-americanos.

**P**hantastica Brasileira: 500 Anos de Histórias Deste e Doutras Brasis, organizada por Gerson Lodi-Ribeiro e Carlos Orsi Martinho para a Ano-Luz e lançada em 2000, possui um tema mais aberto: história (passada e futura) do Brasil, para comemorar os 500 de descobrimento. Predominam contos de história alternativa, aliás. São situações em que a história como a conhecemos sofreu algum “desvio”, redundando em realidades diversas da nossa. Um dos primeiros trabalhos nacionais desse subgê-



nero foi *A Casca da Serpente* (1989), novela de José J. Veiga: Antonio Conselheiro sobrevive ao massacre de Canudos, funda uma nova comunidade influenciada pelas idéias anarquistas, e que eventualmente é também destruída.

Gerson Lodi-Ribeiro é o grande promotor desse subgênero entre nós. Sua noveleta "A Ética da Traição" (1992) já é considerada um clássico pelos fãs, e outros contos desse tipo estão no livro *Outras Histórias...*, publicado pela Caminho (de Lisboa) em 1997. Os contos de história alternativa em *Phantastica Brasileira* são assinados por Lodi-Ribeiro, Carlos Orsi Martinho, Carla Cristina Pereira (uma historiadora especializada em América pré-colombiana), Ataíde Tartari (com divertido conto em que a monarquia perdura até os nossos dias), e o estreante Roberval Barcellos. Outros autores no livro são os portugueses Daniel Tércio e António de Macedo, o ianque David L. Freitag, e os brasileiros Adriana Simon, Octávio Aragão e eu próprio, com o conto "O Salvador da Pátria". É preciso confessar, porém, que faltou um pouco de unidade temática e de consistência entre as histórias colecionadas no livro.

Fica claro, ao avaliarmos estes cinco projetos, que eles só foram possíveis a partir de um esforço nascido da comunidade de fãs e autores de FC no Brasil. Os livros de Dorea nasceram do seu contato com o Clube de Leitores de Ficção Científica, em 1988, e as antologias lançadas pela Ano-Luz fazem parte de uma cooperativa de fãs e escritores surgida na lista de discussão do CLFC na internet. Falta às grandes editoras, acostumadas a apenas traduzir títulos lançados no exterior e ignorantes de FC brasileira, o *know-how* para montar antologias nacionais. Por algum tempo ainda, cabe à comunidade de FC manter a paradigmática funcionando.

2000 viu essa tendência continuar com *Lugar de Mulher é na Cozinha*, de Martha Argel, ed., e

*Intempol: Uma Antologia de Contos sobre Viagens no Tempo*, de Octávio Aragão, ed.

A primeira, lançada pela editora eletrônica (baseada na internet) Writers, já fez história como a primeira e única antologia nacional apenas com escritoras. Martha Argel convidou as amigas e também muitas autoras que circulam na world wide web para escrever contos com o tema sugerido pelo título: mulheres e cozinha. O título também sugere que as histórias estariam contestando o estereótipo de que lugar de mulher é na cozinha, mas a maioria das histórias é surpreendentemente pouco militante — e também pouco desenvolvidas. A brevidade atrapalha, e salvo por dois ou três trabalhos, o livro fornece um lanchinho e não uma refeição completa. Estão no livro, além da própria Martha, a veterana Nilza Amaral, num conto talvez breve e grotesco demais, e Adriana Simon, vista também nas duas primeiras antologias da Ano-Luz.

Já a antologia *Intempol* padece de problemas semelhantes, embora várias histórias sejam bastante longas e hipertrofiadas. Faltou, nesta primeira iniciativa em torno do primeiro mundo partilhado da FC brasileira, maior solidez tanto nas histórias quanto no universo ficcional que elas partilham. Estão no livro veteranos como Gerson Lodi-Ribeiro, Fábio Fernandes e Carlos Orsi Martinho, e os novatos (ao menos no campo da FCB) Osmarco Valadão, Jorge Nunes (com duas histórias) e Paulo Elache. O livro também continua as carreiras de Octávio Aragão — cuja primeira história da *Intempol*, uma abrasilairada polícia temporal, apareceu em *Outras Copas, Outros Mundos* — e Lúcio Manfredi, que abre e fecha o volume com a primeira e segunda partes de um conto explorando o clichê maior das viagens no tempo: a anedota do homem que volta ao passado para matar seu avô. *Intempol* é a terceira antologia temática lançada pela Ano-Luz.

Fica claro que, analisando esses dois últimos exemplos, a próxima medida que a FC brasileira deve tomar é igualar em definitivo a qualidade que os estrangeiros construíram, ao longo dos anos.



Temos a seguir mais um conto sobre aspectos das enigmáticas e fascinantes diferentes culturas hindús. Na edição passada vimos a emocionante e triste história de uma elefanta e seu domador, em "Mahout", do norte-americano Jeff VanderMeer. Agora é a vez do carioca Jorge Nunes nos apresentar mais uma faceta, esta mais espiritual e mística. Mas não termina aí: o interessante é o uso que um certo turista brasileiro faz da graça que alcança, bem característico de *nossa* cultura.

## PRESENTE DE MÃE

□ Jorge Nunes

A única coisa que diferia o despachante de todos os outros homens que estavam na plataforma de embarque, além de lhe conferir uma certa autoridade, era um quépi surrado azul e branco, ostentando na parte frontal caracteres bengali indecifráveis, mas que com certeza eram a prova cabal dessa autoridade. O seu rosto moreno escuro, os olhos negros e o denso bigode também escuro eram características comuns aos passageiros que se aglomeravam na plataforma aguardando a hora de embarcar. Uns solitários como eu, outros entre os beijos e abraços das chorosas despedidas dos parentes, esposas ou maridos.

Antes de me embarcar no trem, ele recomendou-me, no sonoro inglês cheio dos *erres* típicos do sotaque indiano, que usasse o banheiro da estação antes da viagem. Não lhe perguntei por quê, e segui o conselho. Depois de oito dias de viagem pela Índia, eu já tinha aprendido que não se deve duvidar das recomendações dos nativos.

De volta à plataforma, recusei com polidez uma refeição inidentificável servida enrolada em folhas de bananeira e que o despachante me garantia ser *delicious*. Era o primeiro dia na Índia em que a diarreia não aparecera, e não me arriscaria a ser atacado por ela durante as dez horas de viagem no trem noturno em direção ao sul, montanha abaixo, rumo a Kuchin.

Eu havia mudado meus planos. A cidade que eu deixava, Kuadaikana, tinha todos os seus quartos de hotel ocupados, consequência de um festival religioso que reunia o dobro da população normal da cidade. Resolvi, então, antecipar a próxima etapa de minha viagem, tomando o trem noturno para Kuchin, onde eu contava conhecer Mã Aurananda, a mulher que diziam ser a reencarnação da Mãe Divina. Na verdade, aquela já seria a quinta ou sexta reencarnação da Mãe Divina à qual eu seria apresentado em oito dias de Índia. A Mãe Divina, pelo jeito, reencarnava com mais frequência do que a recomendável.

Embarquei no trem, e o despachante me conduziu pelo escuro e estreito corredor até a minha cabine primeira classe, pela qual eu pagara dez dólares. Desconsiderando o chão infestado de baratas gigantes e o pó em toda a parte, a cabine oferecia um relativo conforto, constando de uma cama acolchoada e de três pequenos ventiladores que pendiam amarrados ao teto, para garantir frescor em todas as direções. Experimentei ligar um deles, mas o ruído e a trepidação, aliados à nuvem de pó levantada e às moscas adormecidas que o vento quente despertou me fi-

zaram optar pelo calor da cabine. Quando o despachante me mostrou onde era o banheiro, compreendi imediatamente a recomendação feita antes do embarque, na plataforma. Ele despediu-se com um sorridente "*have a nice trip!*", depois de marcar com uma punção a minha passagem.

Sentei-me na cama estreita e aguardei o apito que anunciava a partida do trem.

Durante as dez horas de viagem, cruzando os quase 400 quilômetros rumo sul, o trem atravessou diversos tipos de paisagem que eu, embora não identificando nenhuma na treva da noite sem lua, reconhecia pelos diferentes odores que vinham no vento. Ora o ar trazia um bafo meio apodrecido de pântano onde o lótus brotava, ora vinha a secura empoeirada das estepes ao pé da montanha. Outras vezes era o odor penetrante e misterioso das florestas úmidas, e eu adivinhava, olhando pela janela o negror da escuridão inviolável, o vulto dos tigres e dos elefantes selvagens, o grito agudo dos macacos sagrados nos galhos das árvores do sul da Índia.

O trem alcançou a estação ao amanhecer, poucos minutos depois de eu ter finalmente conseguido dormir um pouco. Vi-me no meio do caos da plataforma de desembarque, na manhã sufocante de Kuchin, e doíam-me todos os ossos do corpo, violentamente desconjugados pelas dez horas de sacolejar no trem. Precisava urgente de um bom café, ansiava por água que me lavasse a poeira dos olhos e dos cabelos, não via o momento de me livrar da roupa ensembada pelo suor. Alcancei o que parecia ser uma birosca de estação e pedi o café grosso e cremoso da Índia, mas não me atrevi a matar a fome com os inúmeros e suspeitos croquetes que o atendente me oferecia com muitas medidas e garantias gestuais de qualidade. Descobri uma outra birosca que servia algo que eu conhecia e confiava: bolinhos de arroz e *samba*.

Nada de extraordinário estava acontecendo em Kuchin, e havia vagas à vontade nos hotéis. Procurei o que parecia ser o melhor deles, na praça principal da cidade, um prédio de estilo colonial inglês que disputava espaço com restaurantes, lojas e bancos modestos, dividindo importância com a delegacia local e com pelo menos seis cinemas. Ao ser apresentado ao meu quarto, quase não reparei nas suas paredes brancas, no ventilador de teto, e na imagem cheia de braços de Shiva retratada no quadro pendurado logo acima do espaldar da cama. Nem me aproximei da simpática varandinha coberta por um toldo

listrado de vermelho e azul que se debruçava sobre a praça ensolarada, onde vacas sagradas passeavam impávidas. Tomei um banho rápido de água gelada e me joguei na cama.

Dormi umas nove horas seguidas, um recorde para aqueles dias. Acordei no finalzinho da tarde, hora em que o toldo da varandinha cumpria a sua função, evitando que o sol baixo alcançasse a cama, depois de ter girado pelo céu da praça. O quarto era limpo, a temperatura amainara para um nível suportável, eu me sentia descansado e revigorado. Ainda não tivera tempo para refletir sobre as impressões que aquela viagem me deixava, e deliberadamente evitava pensar nelas. Deixava que elas se formassem por si mesmas, e que viessem à tona quando quisessem. Era sempre assim que fazia em minhas viagens. Não buscava uma conclusão sobre o lugar visitado senão depois de tê-lo abandonado há muito tempo. Só assim julgava que, pelo distanciamento, pudesse ter uma visão justa e imparcial sobre ele. Mas a Índia era muito diferente de tudo que jamais vira. Era preciso desenvolver uma nova espécie de visão para poder contemplá-la devidamente, era necessário por de lado os padrões de conforto e diversão a que nós ocidentais nos habituamos em nossas viagens. A Índia era fascinante, não havia dúvida, fosse agradável ou não.

Com ânimo renovado, vesti roupas limpas e desci até o hall do hotel, perguntando sobre um guia que me levasse até o *ashram* de Mã Aurananda. O funcionário do hotel me disse que por 50 dólares era possível alugar um barco com cozinheiro e guia para conduzi-lo pelo labirinto de canais que levava até o *ashram* da Mãe Divina. Explicou-me que subiríamos o rio uns cinco quilômetros e então seguiríamos de canoa pelo emaranhado de sinuosos e estreitos canais. Era impossível chegar até lá sem o auxílio de um guia, e Swavinda era o melhor que conhecia. O funcionário me estendeu um cartão com um endereço impresso escrito em inglês, sinal de que o programa já fazia parte do roteiro turístico.

Fui até a casa de Swavinda, um barraco pobre à beira do rio barrento, à cuja margem flutuava o seu verdadeiro patrimônio: um comprido e bem-cuidado barco, com telhado e dois ambientes, um para o passageiro outro para o cozinheiro e o guia. Além de ser proprietário do barco, Swavinda acumulava as outras duas funções, o que certamente o fazia economizar bastante, mas não parecia ser homem de posses, ou não ostentava sua prosperidade. Combinamos para a manhã seguinte a expedição. Até lá, Swavinda me recomendou que fizesse uma visita ao Virashram, um bar típico da região e que provasse uma aguardente feita de água de coco fermentada.

O Virashram era um bar modesto, com longas mesas de madeira paralelas, onde os fregueses se sentavam como num refeitório. O chão era coberto de serragem e os copos de alumínio, bem de acordo com o ambiente rústico do salão iluminado por grandes lâmpadas a querosene. Habitados aos estrangeiros, os nativos eram corteses e atenciosos, e me encorajaram na degustação da aguardente. O sabor lembrava saquê, e o seu efeito era o mesmo: à primeira vista, durante os primeiros copos, parecia que nada alterava no espírito mas, de repente, a onda vinha avassaladora como um macaréu e imediatamente ba-

tia o álcool, deixando o incauto bebedor completamente ébrio e irremediavelmente desejoso de mais bebida. E aí já não havia mais saída: o dia seguinte era ressaca certa.

Voltei cambaleante ao hotel que, graças à sua localização na praça principal da cidade, não tive dificuldades para encontrar. Mais difícil foi acertar a chave na fechadura do quarto. Desabei na cama com a cabeça girando e cheia das imagens insólitas e surpreendentes que aquele pouco mais de uma semana na Índia deixara na memória. O dia seguinte estava marcado para mais um encontro com a Mãe Divina.

O barco seguia suave rio acima, impulsionado pela vela característica do oriente e pelo pipocante motorzinho de pópa, enquanto eu contemplava a paisagem, que lembrava um pouco a Amazônica, com as altas árvores nas margens intercaladas por casas pobres, onde mulheres suspendiam a lavagem da roupa para observar a passagem do barco rio acima. Swavinda era discreto, e nada falava senão quando perguntado. Duas horas depois, passamos para uma pequena canoa a remo, e nos enfiámos no labirinto de canais estreitos, alguns cobertos de plantas aquáticas, escondendo a superfície da água como um tapete verde. Chegamos a um pequeno cais de madeira, onde havia um movimento incessante de peregrinos indo e vindo por uma trilha entre as árvores, até uma clareira em frente a um templo simples mas majestoso para o êrmo da região. Swavinda me indicou uma fila que eu deveria seguir para chegar a Mãe Aurananda, que recebia pessoalmente cada peregrino com um abraço e uma recomendação. Ele me explicava que a mulher já havia abraçado mais de dez mil pessoas, segundo o comentário local. Seguimos a fila até à entrada do templo onde, no lugar reservado para o altar, estava sentada sobre almofadas de seda vermelha uma mulher gorda e sorridente distribuindo abraços calorosos a todos da fila, que seguiam caminho com expressão de feliz devoção no rosto.

Quando chegou a minha vez, Mãe Aurananda segurou em minhas mãos e me trouxe para junto do corpo roliço, num abraço quente e apertado, sorrindo e murmurando no meu ouvido palavras em bengali ou sânscrito, que evidentemente não entendi. Mas guardei uma palavra que ela repetiu várias vezes, como para me recomendar que eu me lembrasse dela. Senti seu cheiro forte de erva ou incenso e uma grande paz me envolveu, me comovendo intensamente. Saímos do templo, e Swavinda, que estava logo atrás de mim na fila, disse:

— O senhor tem sorte. A Mãe Divina lhe deu um presente e deve aproveitá-lo com sabedoria.

— Um presente? — envergonhei-me da minha ignorância, por não ter percebido que tinha recebido uma benção pessoal de Mãe Aurananda — Que bom. Mas eu não entendi o que ela disse. Você ouviu o que foi?

— Mãe Ananda lhe ensinou o Mantra da Vitória, e o senhor deve usá-lo com sabedoria — recomendou novamente.

Voltando a Kuchin, deslizando rio abaixo à luz do pôr-do-sol, eu pensava no Mantra que a Mãe Divina me ensinara, e ela me deixou uma impressão diversa das outras que conhecera antes. Todas tinham um aspecto impressionante e carismático, mas talvez por Mãe Aurananda

ter se manifestado especialmente comigo, fiquei com uma sensação diferente e inquietante.

Fui direto para o hotel, evitando nova bebedeira no Virashram, e me preparei para a longa viagem de volta até Nova Délhi, no dia seguinte. De lá pegaria o avião. Minha viagem pela Índia estava começando a terminar. Dois dias depois, embarcava para o Brasil enfrentando as quatorze horas de vôo, com escala em Roma.

\*\*\*

— **S**enhores passageiros, desculpe incomodar a sua viagem. Mas se estou aqui é porque é melhor do que roubar. Estou vendendo essa deliciosa bananada por cinquenta centavos, três por um real.

O menino maltrapilho recitava feito um robô as palavras enquanto distribuía, como reforço para o seu marketing, um papelzinho enebado onde detalhava o seu drama, cheio de pais doentes e irmãozinhos desabrigados. Os passageiros do ônibus ora olhavam com indiferença para o papel ora recusavam-no com um gesto da mão. O menino terminou a distribuição e imediatamente procedeu à recolha dos papéis. Devolvi a ele o meu, que o pegou indiferente, como se essa fosse a praxe. Ninguém comprou nada e o menino desceu do 433, que seguiu sua viagem em direção ao Maracanã.

Eu tinha chegado há três dias, e ainda guardava aquela impressão meio bizarra de quem volta de viagem, ainda deslocado da rotina e com uma certa nostalgia das imagens que provavelmente jamais veria outra vez. Aquele menino me fez comparar a miséria da Índia com a do Brasil, e tive a impressão de que a brasileira era infinitamente mais triste que a indiana. Na Índia, os sorrisos eram abundantes, e a miséria era mais orgulhosa, se isso for possível. Talvez produto de uma certa indiferença aos apelos consumistas que eram a tônica das sociedades ocidentais. Aqui a sedução estava em toda a parte, e seu desfrutar era restrito a uns poucos, aumentando a frustração dos excluídos do banquete que li nos olhos daquele garoto.

Para apagar a angústia daquela nostalgia, busquei consolo indo assistir à final do Campeonato Brasileiro, uma genuína manifestação da paixão brasileira, um símbolo forte da minha cultura, que certamente mexeria comigo e me faria retornar com choque ao meu ambiente. Meu time estava na final e lhe bastaria um empate contra o seu maior rival para levantar o campeonato. Não conseguia sentir o nervosismo e a excitação que um apaixonado por futebol como eu sentia nessas ocasiões, mas contava com o clima do estádio para restaurar essas sensações.

O 433 cruzava a cidade no domingo calorento, atravessando as ruas quase desertas, levando poucos passageiros. Ainda era cedo para a multidão lotar os carros, trens e ônibus em busca das emoções da final. De vez em quando se ouvia ecoando pela tarde um solitário grito de guerra de um torcedor.

Desci em frente à estátua do Bellini, no pequeno largo já povoado por camelôs em caos, vendendo bandeiras, almofadas, flâmulas e faixas de campeão do meu time. Fui à bilheteria e comprei o meu ingresso para a arquibancada.

Dentro do estádio ainda meio vazio, escolhi um lugar privilegiado e acompanhei o crescente povoamento da arquibancada. Vi a chegada triunfal das bandeiras, carrega-

das como estandartes de exércitos, vi crescerem a excitação e os cânticos das torcidas à medida que se aproximava a hora do jogo. Lentamente, o gigantesco estádio ia-se preenchendo com a massa difusa dos torcedores, que se infiltrava pelos portões e escorria pelas arquibancadas e cadeiras como um caldo humano. A torcida do meu time era muito mais numerosa, tanto por ser a da equipe da casa quanto pelas maiores possibilidades de vitória. Eu absorvia aos poucos o clima da decisão, e retornava gradativamente ao meu ambiente, incorporando a paixão subjetiva e incompreensível por um time de futebol. De vez em quando tinha um acesso crítico, e pensava que aquela paixão era mais absurda e sem sentido que todas as manifestações populares mais estranhas que assistira na Índia, mas me deixava contaminar com prazer pelas emoções inexplicáveis do futebol. Logo fui tomado pelo clima da decisão e cinco minutos antes do jogo começar já gritava junto com a torcida os refrões de incentivo ao meu time. O Maracanã lotado e embandeirado era um espetáculo sempre impressionante, e a visão de quase cem mil pessoas reunidas dava o tom épico ao espetáculo. Eu estava quase curado da minha nostalgia.

O jogo começou, e meu time assumia uma atitude perigosa de campeão, jogando com excesso de autoconfiança, fiando-se na sua condição de favorito como bastante para que a vitória saísse naturalmente. O adversário jogava com aplicação e determinação, com muito mais objetividade e perigo. A consequência dessa aplicação não tardou: aos quinze minutos a equipe adversária marcava o seu gol, para delírio da pequena torcida espremida do lado direito das cabines de rádio. A nossa calouse e aguardou apreensiva a reação, mas o time carioca não mudou de atitude. Dava a impressão de que considerava o gol adversário como um mero acidente, e que não tardaria a empatar a partida. Parte da torcida também pensava assim e continuou a embalar o time animadamente. Quase no final do primeiro tempo, a situação piorou: uma cabeçada certeira do atacante visitante assinalava o segundo gol. Aborrecido, eu via o meu time perder as estribeiras e bater cabeça em campo. O adversário já começava a administrar o resultado, tocando a bola, aguardando o final do primeiro tempo.

**D**urante o intervalo, a preocupação e o nervosismo estavam no rosto de cada um dos torcedores. Se o time tivesse demonstrado alguma determinação naqueles primeiros quarenta e cinco minutos, a reação seria possível, mas a apatia era evidente na forma como a equipe desceu para o vestiário, abatida e de cabeça baixa. Àquela altura, eu estava à vontade, perfeitamente integrado às emoções da decisão, e não pensava em mais nada a não ser na possibilidade de reação do meu time. Tinha me esquecido completamente das razões que me levaram ao estádio.

A situação não mudou no segundo tempo. E foi agravada pela forma desembestada com que o time da casa ia para o ataque, deixando perigosamente desguarnecida a defesa, constantemente ameaçada pelos contra-ataques do adversário. Os cariocas perderam duas ou três chances de gol, e um provérbio famoso do futebol — *quem não faz, leva* — se confirmou: aos trinta e cinco minutos, com três toques, do goleiro ao centroavante, o adversário marcava

o seu terceiro gol, para festa de sua torcida e desespero da nossa.

Trinta e cinco minutos do segundo tempo. Três a zero. Muitos torcedores já abandonavam o estádio deixando à própria sorte o seu time, agora completamente desestruturado, buscando o gol em ataques desorganizados e patéticos. O restante da torcida que ficou calou-se e enrolou as suas bandeiras em preocupação estática, aguardando algum milagre que trouxesse três gols ao placar para empatar o jogo e trazer o campeonato. A torcida adversária cantava a canção do adeus e festejava loucamente a conquista.

Quarenta minutos do segundo tempo. O time visitante fazia a bola correr de pé em pé, e sua torcida gritava olé enquanto a carioca se encolhia, envergonhada e indignada com seu time.

Eu assistia à derrota decepcionado com aquela atuação humilhante da minha equipe. Sentia-me meio dopado com a situação e, de repente, sem pensar, comecei a murmurar uma palavra, de início bem baixinho, como uma reza, e logo alto, a plenos pulmões, levantando do meu lugar e gritando-a com força. Ao meu lado, os torcedores me olharam surpresos com aquela atitude repentina, mas repararam algo de cativante na palavra, algum ritmo forte e contagiante, e alguns se arriscaram a repeti-la junto comigo, possuídos inexplicavelmente pelo mesmo transe. Em poucos segundos, aquele som corria pelo enorme anel do estádio, e todas as vozes entoaram a todo o volume o que eu reconhecia agora como o Mantra da Vitória, que Mãe Aurananda me ensinara na Índia. "Usa-o com sabedoria", disse Swavinda para mim, mas eu estava transtornado pelas emoções do futebol, sentia um desejo incontrollável pela vitória do meu time.

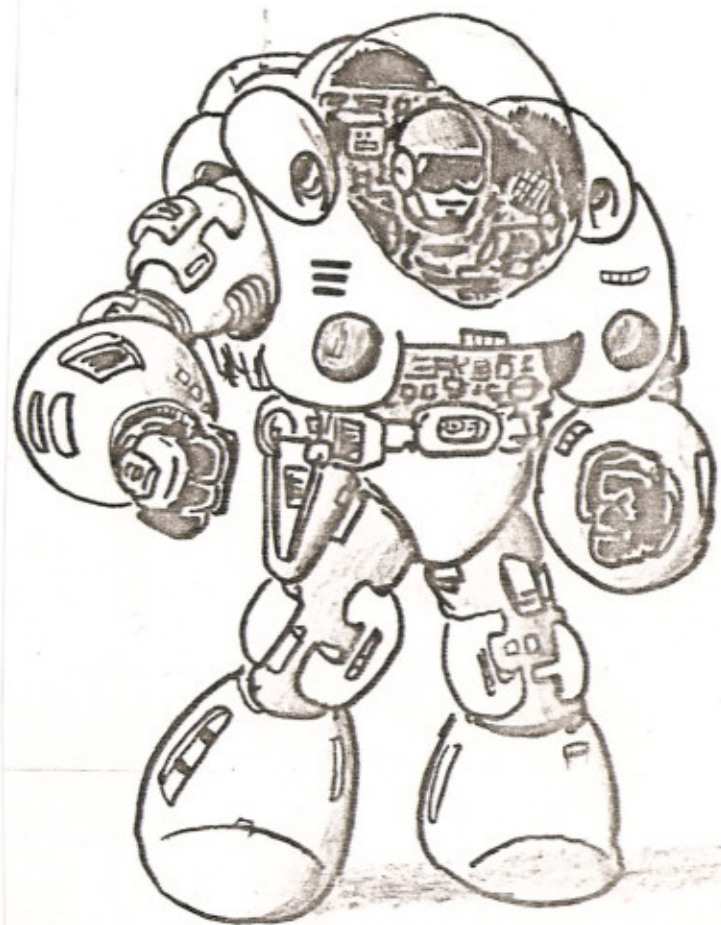
O efeito do Mantra da Vitória entoado por cinquenta mil pessoas e ecoando pelo gigantesco Maracanã foi avassalador: a princípio surpresos e assustados com aquele novo incentivo, os jogadores cariocas subitamente ganharam força e disposição incontrolláveis, e começaram a dominar o jogo de forma determinante. Um minuto depois, aos quarenta e dois, o craque do time marcava um gol antológico, driblando toda a defesa adversária. Ao invés de comemorar, ele foi direta e obstinadamente ao fundo das redes e trouxe a bola debaixo do braço até o meio do campo, para o recomeço imediato da partida. A torcida também não comemorou o gol, mas reforçou o Mantra, emitindo-o com mais ritmo ainda, fazendo calar de vez a encolhida torcida contrária e todos os demais sons do estádio. Um clima mágico pairava sobre a final. Os jogadores adversários estavam desconcertados com a súbita reação e corriam perdidos em campo, tontos com a movimentação vertiginosa dos cariocas a três minutos do final do campeonato. Narradores e repórteres, atônitos, não encontravam palavras para descrever o que acontecia no maior estádio do mundo e olhavam aquela estranha torcida em volta, impotentes e esquecidos dos seus microfones. Outro minuto depois, aos quarenta e três, num lance fulminante, com a bola correndo de pé em pé com precisão matemática, o time carioca chegava ao seu segundo gol. A torcida continuou a entoar em cântico o Mantra, agora com furor dobrado, e o ritmo fazia tremer a arquibancada. Por fim, aos quarenta e cinco do segundo tempo, no

que parecia ser o último lance do jogo, um escanteio, o goleiro carioca disparou alucinado em direção à área adversária enquanto a bola era alçada, e chegou a tempo para fuzilar o gol com uma cabeçada indefensável. O jogo estava empatado, e o juiz apitava o final da partida. Então a torcida finalmente explodiu num grito como jamais se ouviu no Maracanã ou em qualquer outro estádio do mundo. Jogadores e torcedores saíram da espécie de transe sobrenatural em que estavam e quase não acreditavam no empate e na conquista do campeonato.

Eu me senti e escondi a cabeça entre as mãos, confuso com o que acontecera. O Mantra da Vitória, um presente da Mãe Divina, tinha sido usado por mim, numa cega paixão de esportista, para a conquista de um time de futebol. Os torcedores me abraçavam e comemoravam em delírio a vitória, mas eu finalmente me dava conta de que fizera alguma coisa indevida, e correspondia apático aos cumprimentos.

Uma coisa era certa: jamais voltaria à Índia. A vergonha nunca me permitiria.

Restava o consolo de ser campeão.



Uma história de prazeres inconfessáveis, quebrando um dos tabus mais caros ao dogma católico. Esta história instigante e provocativa vem do México, onde seu autor, Federico Schaffler é o atual presidente da Asociación Mexicana de Ciencia Ficción y Fantasía, além de ser também o editor da revista de literatura fantástica *Umbrales*. O conto a seguir vem recomendado com o Prêmio Nacional de Kalpa, como o melhor conto mexicano de ficção científica de 1997.

# Segredo de Confissão

□ Federico Schaffler

Era um sacerdote à moda antiga. Apesar da bula da Papisa Madonna II determinando que os prelados católicos poderiam prescindir do voto de celibato, preferia obter sua satisfação de maneira virtual, por meio da rede, e não com parceiros reais de qualquer sexo, como já era permitido oficialmente.

Livrou-se de seu hábito e ajustou o traje de polímero e finos fios de cobre que lhe permitiria sentir até mais prazer do que se estivesse fisicamente com alguém. Antes de entrar na cabine de gel, checou o receptáculo do fluido seminal, as adequadas condutividades térmica e elétrica dos condutores de sensações e verificou que a peça retal não estivesse conectada. Havia tido uma pequena surpresa em sua última sessão ao não interpretar direito uma proposta de seu intangível parceiro do outro lado do mundo. Com a excitação do momento, consentiu sem saber direito com que e o impacto fora brutal. Lembrou-se de um momento ruim do seminário e preferiu não correr o risco outra vez. O tipo de traje unissex que utilizava agora lhe asseguraria uma movimentação física em três dimensões dentro da cabine especial, mas havia algumas opções que podiam ser omitidas, ou ativadas, dependendo do gosto do usuário.

Já envolto pelo traje azul, colocou o capacete, segurando o contato do pescoço para evitar infiltrações do espesso líquido no qual navegaria. Um par de lampejos diante de seus olhos e uma suave música envolveram seus sentidos. Começou a ver os menus iniciais e as indicações preventivas de *copyright* e proibição de cópia ilegal de informação e programas. Pulou-os com duas olhadas no menu de controle que flutuava no lado esquerdo de sua vista. Virou o olhar para a direita e verificou que o alarme do programa que lhe permitiria submergir no excitante mundo do sexo virtual estivesse programado para uma hora antes da missa das seis. *Primeiro o dever, depois o prazer*, pensou para si com um sorriso cúmplice, de satisfação múltipla antecipada. Diferentemente das ocasiões anteriores, agora

contava com um software pirata que lhe permitiria chegar até esse esquivo e críptico parceiro que o tentava com mensagens eróticas provenientes de estranhas interpretações dos textos sagrados de diferentes religiões. Chamou com o olhar o ícone do programa e colocou-o flutuando de um lado de sua vista. Cortou o contato e fez a tela tornar-se transparente, para cuidar dos últimos preparativos.

O sacerdote ativou o teclado exterior substituto e, com dois ou três giros de suas mãos e dedos, verificou que os conectores manuais do traje estivessem ligados. Navegar pelo ciberespaço agora era algo mais do que aqueles primórdios com fugazes dedos voando pelos teclados. Os novos programas interpretavam os movimentos físicos de braços, pernas, mãos, pés, dedos, cabeça, ombros, pélvis e até olhos para se submergir nos bancos virtuais de informação ou divertimento. Estavam OK. Em ordem. Conectados. Era hora do prazer.

Com cuidado, entrou no enorme recipiente, muito parecido com uma *jacuzzi*, mas com tampa pressurizada. O gel chegava até um nível que não o deixaria transbordar ao se entrar mas, ao se fechar a cabine, esta se encheria por completo com o proveniente do depósito subterrâneo. Já flutuando, conectou o umbilical que o colocaria em contato com a rede e voltou a escurecer o capacete. Estava pronto. Estava dentro.

Virou a cabeça até encontrar o menu de divertimento, girou o punho direito para baixo, fechou o punho e esticou o braço para junto de si para aumentar sua velocidade e entrar no portal. Sem diminuir a velocidade, ziguezagueou entre as tentadoras imagens da *Vegas Virtual* de apostas reais e eletrônicas sem limites. Atravessou as chamativas cores do *Total Entertainment System* e assim, por uma vez ou outra, esquivou-se desinteressado de tantos prazeres e tentações proibidas, até que ao longe viu a conhecida silhueta do coelho. O mais antigo e respeitável centro de prazer, agora a seu alcance. Acelerou mais e en-

trou no ambiente pelo círculo perfeito do olho. Rasgou a membrana virginal que cobria a inexistente pálpebra e entrou com tudo no ambiente de sensualidade total. Uma mão aberta, estendida violentamente, cortou sua inércia, e ele se pôs imóvel no que pensava ser o centro exato do ponto g da libido universal. Flutuou por alguns instantes, deixando que os estímulos eletrônicos e elétricos comesçassem a percorrer seu corpo virtual. Com uma explosão de pixels, livrou-se de sua indumentária, ficando vestido somente com uma tanga branca sob a qual se adivinhava uma virilidade que estava longe de ser a sua, como tampouco era dele o rosto que agora portava. Não precisava se ver num espelho para lembrar-se de sua imagem ciberespacial, havia desenhado seu rosto e seu corpo para parecer-se com o angelical Cristóvão Colombo de Dalí e adotou o nome virtual de Valentino, mais por causa do Rodolfo do que pelo santo do amor. Entrecerrou os olhos e aguçou os ouvidos. Deixou que os cantos neogregorianos o conduzissem ao seu destino, ainda que de olhos fechados soubesse como chegar a seu destino, girou suavemente o corpo e estendeu os braços, como que tencionando abraçar aquele corpo que já ansiava e que, tinha certeza, possuiria depois de tantas tentativas frustradas. Seguiu assim à medida que o volume aumentava, até que percebeu que estava diante das portas do templo. Abriu os olhos e viu uma imponente construção que imitava a porta de Jerusalém. Era o refúgio virtual do sexocaticismo. Diante da solicitação do núbio guardião com enorme falo que parecia vibrar com vida e inteligência própria, pagou a entrada para o recinto com gotas de sangue que brotaram de suas costas flageladas. Na verdade, sua linha de crédito, financiada pelos cada vez mais raquíticos dízimos, foi que decresceu perceptivelmente com a transação. Um novo lampejo de prazer percorreu sua virilha e já ameaçava provocar a ereção que esperava guardar para sua oculta e desconhecida parceira.

Entrou e percorreu os diferentes cômodos, alguns não eram mais que um ponto na parede, mas ao atravessá-los convertiam-se em *tesseractos*, esses recintos infinitos que possuem uma entrada reduzida, inconspícua, mas que, transpostos seus umbrais, se convertiam em portais para outras dimensões. Avançou com velocidade mediana, produto dos giros, movimentos e pausas que suas mãos e braços realizavam no ambiente virtual. Lá fora, na realidade *real*, seu corpo flutuava com suavidade na cabine de gel e qualquer observador fortuito não vacilaria em identificar o objetivo do mesmo. Observar um viajante do ciberespaço podia provocar tanto uma enorme paz quanto uma vertigem horrível, tudo dependia

do usuário da rede e dos programas que acessava.

Valentino encontrou finalmente a porta que desejava. Os cupidos que voavam ao redor da mesma não eram os doces bebês com asas que as gravuras antigas mostravam, eram verdadeiros demônios, súcubos e incubos, que giravam, subiam, baixavam e, em vez de atravessar corações com suas flechas de amor, trespassavam todo tipo de orifícios naturais e artificiais que possuíssem seus companheiros com seus próprios instrumentos de amor e sexo. Com um tapa afastou os libidinosos anjinhos e entrou no recinto reservado com um leito de finos lençóis de seda e decoração vitoriana. Avançou rumo à cama, onde uma figura voluptuosa estava recostada, dando-lhe as costas, mostrando seus firmes quadris e robustos glúteos, mas em questão de nanossegundos encontrou seu corpo virtual preso por fortes grilhões e resistentes correntes que não o deixavam mover-se.

— Você me deseja? — perguntou a mulher, ainda sem virar aquele rosto desconhecido que, ele adivinhava, seria o mais belo de todos os universos, virtuais ou reais.

— Você sabe que sim. Tenho procurado a maneira de chegar até você, de possuí-la, mas não consegui ultrapassar seu programa guardião. Hoje as coisas serão diferentes. Finalmente você será minha. — disse-lhe com forte tom de voz, exsudando ferormônios algorítmicos que, esperava, excitariam a mulher.

— Tem certeza? — provocou ela novamente, enquanto movia suas pernas com suavidade, como que acariciando a vulva com o acetinado lençol.

— Basta que deixe minhas mãos livres para operar meu programa e você já vai ver.

— Está certo. Creio que sua insistência merece uma chance. A última.

As correntes que prendiam as mãos de Valentino desapareceram e um teclado ergonômico se materializou diante dele. Operou com habilidade os comandos que soltariam o vírus que estava programado para enganar as defesas da mulher. Havia lhe custado bem caro comprá-lo dos piratas de software e esperava que funcionasse. Teclou enter e esperou. Era só o que podia fazer. Tendo êxito, seria liberado na mesma hora e se dirigiria até a cama, onde a mulher teria que cumprir sua parte no trato. Enquanto aguardava o resultado, percorreu com atenção todas as curvas apreciáveis da mulher, a lisura de sua pele, a suavidade de seus cabelos, a delicadeza de suas extremidades. Começava a excitar-se mais, mas tinha que controlar-se para evitar que seu corpo físico ejaculasse e precipitasse o fim do programa, sem que desfrutasse tudo que ansiava fazer com a mulher virtual. Perguntou-se quem

seria ela na realidade e em que lugar do mundo se encontraria vivendo suas fantasias sexuais graças à rede ciberespacial. Pensou que provavelmente era uma anciã beata, com certeza solteira e virgem, que expulsava assim a tensão da vida diária real. Sorriu para si. Uma das vantagens do sexo virtual era que, a menos que se desejasse, a identidade do participante, e inclusive seu sexo, seria completamente reservada. Não era nada improvável que essa bela mulher, que, tinha certeza, logo seria sua, pudesse ser na verdade um homem que purgava suas possíveis fraquezas homossexuais por meio da rede, alguma monja ou mocinha que acessava o programa sem autorização dos pais. Podia ser qualquer pessoa do mundo que estivesse conectada com a rede. Pensava nisso quando percebeu que uma das correntes que o prendiam desaparecia. Depois caiu outra. Os grilhões de seus pés se desvaneceram e finalmente seu corpo ficou livre por completo. Sem necessidade, puxou com uma mão a tanga e deixou livre seu membro virtual. Com uma enorme satisfação aproximou-se da cama. A mulher teria que recebê-lo. Tinha perdido. Chegou até a beira da cama e colocou um joelho sobre ela, acariciou com suavidade seu próprio sexo, colaborando com seu crescimento. Logo encontraria onde acomodar-se. Logo aliviaria a tensão. Aproximou uma mão do ombro da mulher e finalmente pôde tocá-la. Uma rajada do que pensou ser eletricidade estática o percorreu. Faltava pouco.

— Pensei que você nunca conseguiria. — disse a mulher, ainda sem mostrar o rosto.

— Eu tinha certeza que sim. Agora, não percamos mais tempo. Quero ver você. — disse-lhe enquanto a puxava para si, deixando que suas costas se apoiassem sobre o leito. Os cabelos acobreados ainda cobriam parte do rosto. Com suavidade moveu-os para um lado, deixando surgir as feições por completo. De repente, os fogos do inferno arderam diante de seus olhos. Como que repellido por uma violenta descarga, retirou-se da cama, cobrindo o corpo imediatamente com seu hábito sacerdotal, que produziu com a subrotina de pudor que tinha já embutida em seu programa. Não era bom que o vissem assim. No instante de confusão, perdeu o controle sobre sua falsa imagem e suas verdadeiras feições coroaram seu corpo. Deu-se conta disso e voltou a disfarçar sua imagem virtual.

— Sua Santidade. Mil perdões. — desculpou-se, enquanto colocava um joelho no chão e baixava sua cabeça.

— Levante-se, filho. Não fique envergonhado. Exorcizar o demônio da carne é uma necessidade que todos temos, inclusive os servos de Deus. Não há por que pedir perdão. Vem, aproxime-se e vamos gozar destes cor-

pos já que não o podemos fazer de outra maneira. Vem, é uma mulher quem pede.

Valentino levantou a vista e começou a tranquilizar-se, colocando de lado o condicionamento de anos. Pensou que a aparência da mulher poderia ser somente uma imagem falsa, criada como ele o fizera, e que a representação virtual que o convidava com toda certeza não corresponderia à verdadeira Papisa Madonna II. Era o mais provável. Amaldiçoou-se por ser um tremendo idiota que se deixou impressionar por uma imagem irreal. Livrou-se novamente de seu hábito virtual e seu corpo na cabine de gel estremeceu antecipando o coito eletrônico que o traje e seus impulsos elétricos lhe faria parecer real.

— Perdoe-me, mais uma vez. Agora por ser um tolo. Vamos esquecer este momento e começar a desfrutar de verdade, bela mulher. — disse-lhe enquanto se aproximava, a tomava pelos ombros e, movendo-a para trás na cama, se reclinava sobre ela.

— Me possua. Quero muito ser sua. — disse a imagem virtual.

Valentino começou o jogo preliminar, despojando-se de seus vestígios de moralidade. Agora, pelo menos, neste lugar, era um homem que faria gozar a uma mulher. O dia seria especial. Único, digno de passar à história. Esta sessão de sexo virtual não seria como outra qualquer. Disso tinha certeza. Pôs de lado qualquer outro pensamento enquanto penetrava a mulher.

Em seus aposentos particulares em Castelgandolfo, uma mulher estremeceu.

**Tradução de Fernando Dominguez.**





# Incas Alternativos

Analisando a relação mundial de enredos de história alternativa<sup>1</sup>, observamos que os trabalhos centrados na sobrevivência dos astecas e demais civilizações mesoamericanas à conquista espanhola são muito mais numerosos do que os similares que abordam a possibilidade da sobrevivência dos incas e demais culturas pré-colombianas da América do Sul.

Não há mistério nesta desproporção. Os autores anglo-saxões, responsáveis pela produção de mais de 90% das histórias alternativas publicadas profissionalmente em todo o mundo, conhecem melhor a história das culturas mesoamericanas do que a do Império Inca. Compreensivelmente, esses autores preferem escrever com mais frequência sobre temas que dominam bem.

Isto não quer dizer, em absoluto, que não existam histórias alternativas inspiradas na sobrevivência do Império Inca às investidas dos conquistadores comandados por Francisco Pizarro. Elas existem, sim. Mas são poucas. E a maioria delas aborda em verdade a sobrevivência do Império Asteca, assumindo a sobrevivência dos incas como mero efeito colateral do fracasso em conquistar os astecas. Num reflexo interessante da atual conjuntura das relações político-econômicas norte-sul (nações industrializadas vs. países pobres), não é raro vemos nessas histórias um Reino Inca subsistindo como espécie de Estado-vassalo do Império Asteca. Esta é exatamente a situação mostrada no romance *Aztec Century* (1993) de Christopher Evans, onde Cortez se bandeou para o lado das hostes de Montezuma II, ajudando o Tlatoani a resistir à conquista espanhola. Em resultado, ao fim do século XX, o Império Asteca tornou-se a maior potência tecnológica e militar do pla-

queta e seus exércitos parecem prestes a conquistar o mundo.<sup>2</sup>

Situação análoga à do romance de Evans é apresentada na LHA criada por Robert Silverberg para o ótimo romance juvenil *The Gate of Worlds* (1967), onde a Peste Negra teria aniquilado três quartos da população da Europa Ocidental, possibilitando sua conquista pelo Império Otomano. Sob domínio turco, os descobrimentos e a expansão marítima e colonial européia jamais se deram. Em consequência, as culturas autóctones da América, África e Oceania puderam se desenvolver livres do jugo colonialista. O Império Asteca aproveitou a oportunidade para consolidar seu domínio sob as Américas do Norte e Central. O Império Inca fez o mesmo na América do Sul.<sup>3</sup> No romance original, Silverberg menciona *en passant* que o Império Inca teria evoluído para o status de Estado moderno sem a tutela dos europeus, que nessa Linha Histórica Alternativa (LHA) afinal não passam de cidadãos de segunda classe de um Império Otomano já em franca decadência na segunda metade do século XX. No entanto, Silverberg não fornece detalhes sobre como seria a cultura desses incas alternativos.

Num dos grandes clássicos da história alternativa, a novela "The

Wheels of If" (1940), L. Sprague de Camp propõe uma LHA onde a Costa Leste da América do Norte começou a ser colonizada pelos vikings por volta do século XI.<sup>4</sup> O fato desses imigrantes nórdicos ainda não disporem da tecnologia, dos cavalos e sobretudo dos germes das doenças infecto-contagiosas que caracterizaram a invasão européia ocorrida cerca de meio milênio mais tarde em NLH, possibilitou às culturas ameríndias sobreviverem mais ou menos incólumes até os dias de hoje. Embora De Camp faça uma breve menção aos reinos pós-astecas, a questão da sobrevivência do Império Inca é deixada no ar.

Findo este curto preâmbulo histórico-literário, cumpre-nos adentrar no assunto real deste ensaio: os raros enredos de história alternativa centrados na sobrevivência do Império Inca.

\*\*\*

Se de Camp não foi claro quanto à sobrevivência dos incas em "The Wheels of If", Harry Turtledove explicitou a questão na novela "The Pugnacious Peacemaker" (1990), uma seqüência do clássico original, escrita para ser publicada junto com ele num volume comemorativo que a Tor Books lançou por ocasião do jubileu de ouro da publicação original de "The Wheels of If" na revista *Unknown*.

"The Pugnacious Peacemaker" adota o mesmo protagonista da novela original, um advogado novaiorquino de NLH cuja mente é transladada para o corpo de um bispo residente numa LHA onde a costa leste da América do Norte foi colonizada pelos vikings e a costa atlântica do Brasil pelos árabes. Todavia, somos informados que tanto o Império As-

<sup>1</sup> Uchronia: The Alternate History List — <http://www.skatecity.com/ah>.

<sup>2</sup> A maior parte desse romance se passa numa Inglaterra recém-conquistada pelas forças de invasão astecas. A narrativa é feita na primeira pessoa por uma princesa inglesa que vive o dilema da escolha entre o que é melhor para seu povo e uma paixão recolhida avassaladora pelo governador asteca, filho do próprio imperador. *Aztec Century* foi resenhado em detalhes no ensaio "Américas Alternativas I — Pré-Colombianos Alternativos", publicado nesta coluna no *Megalon* 44 (abril 1997).

<sup>3</sup> *The Gate of Worlds* foi tópico do ensaio "Peste Negra Alternativa", publicado nesta coluna no *Megalon* 31 (julho 1994).

<sup>4</sup> "The Wheels of If" foi resenhada no ensaio "Américas Alternativas III — Descobrimientos Alternativos", publicado no *Megalon* 48 (março 1998).

teca quanto as Nações Cherokee, Sioux e Apache sobreviveram e prosperaram até o século XX na América do Norte; ao passo que na América do Sul, o Império Inca mantém não apenas os Andes e a costa do Pacífico, como todas as terras que em NLH correspondem aos países de colonização espanhola. Agora os incas disputam a rica região da Amazônia com o Emirado do Brasil, uma nação independente oriunda da colonização árabe em áreas que em NLH equivaleriam às regiões brasileiras do Sudeste e do Nordeste.

O advogado nova-iorquino transformado em bispo cristão nórdico atua como mediador de uma disputa territorial entre o Império Inca e o Emirado do Brasil. Boa parte da ação se passa em Cuzco, a capital de um Império que, embora tenha evoluído para nação moderna do século XX, manteve viva as tradições históricas e culturais dos incas dos tempos de Huayna Capac, tradições estas bem expressas na arquitetura dos templos, cidadelas e muralhas que se mantiveram intatas ao longo de mais de meio milênio.

\*\*\*

Assim como Turtledove revisita a LHA criada por L. Sprague de Camp para falar essencialmente de incas alternativos, no ano seguinte Chelsea Quinn Yarbro se exercitaria com o mesmo propósito no universo ficcional proposto por Silverberg em *The Gate of Worlds*.

Em 1991, Silverberg coordenou uma antologia, *Beyond the Gate of Worlds*, composta por três novelas passadas naquela LHA em que os otomanos conquistaram a Europa impedindo a expansão marítima ibérica.<sup>5</sup> Em "An Exaltation of Spiders", Yarbro desloca a ação para a América do Sul e consegue esclarecer uma dúvida que eu nutria do tempo em que li o romance original: o que teria acontecido ao Império Inca?

Para tentar responder esta pergunta, a autora mostra como o Peru Incaico evoluiu para um Estado tecnológico moderno. Nesta tentativa,

acaba produzindo o trabalho mais belo e pungente da antologia.

"An Exaltation of Spiders" abre com as preocupações do Inca Verdadeiro com as maquinações políticas de seu primo, um membro renegado da família imperial (a quem o soberano se refere como "Falso Inca") que domina uma vasta extensão da Amazônia e almeja galgar os Andes e conquistar o Império com o auxílio militar dos turcos otomanos.

Considerando a conveniência de romper o isolacionismo político do Império, o Inca Verdadeiro decide que é chegada a hora do Peru estabelecer novas alianças para contrabalançar a influência otomana na América do Sul. As perspectivas, contudo, não são das melhores: a escolha deve ser feita entre os Maoris altivos e distantes; os japoneses prestes a se tornarem independentes do Império Russo; ou o Império Asteca, o poderoso mas prepotente vizinho nortenho.

O soberano inca decide-se afinal pelos Maoris. Para estabelecer o contato inicial envia alguns navios da incipiente Armada Imperial literalmente para mares nunca dantes navegados... O único trunfo dos peruanos para estabelecer um primeiro contato amigável reside num certo domínio do ar. Num século XX alternativo onde balões, dirigíveis e aviões ainda não foram inventados, o Império Inca detém o monopólio das técnicas do vôo planado. Flutuando pelos céus em grandes asas-deltas ligadas à superfície apenas por tênues cordas, os membros do clã dos *Aranhas* (daí o título), agem como batedores, cumprindo missões de reconhecimento militar e funcionando como verdadeiros olhos do Inca Verdadeiro nas províncias mais distantes do Império.

"An Exaltation of Spiders" é uma história interessante e bem escrita, de leitura gostosa e *background* histórico plausível, exceto por um pequeno detalhe: Yarbro colocou Machu Picchu como a capital do Império Inca. É de todo improvável que os incas cogitassem transferir sua capital de Cuzco, cidade a que se referiam orgulhosamente em quíchua como "*O Umbigo do Mundo*", para um pequeno vilarejo fortificado que em NLH já havia sido abandonado na época em que Pizarro chegou ao Peru.

○ melhor enredo de incas alternativos que li nos últimos tempos foi sem dúvida o romance *Inca — The Scarlet Fringe* (2000) de Suzanne Allés Blom.

*Inca* é o romance de estréia da autora. Trata-se de um passado alternativo — enredo cuja ação transcorre poucos anos após a divergência — que apresenta a descrição detalhada da vida do príncipe Atahualpa no período de quatro anos compreendido entre a primeira aparição de Francisco Pizarro na costa peruana em 1527 e a invasão do país em 1531.

Antes de abordar os motivos que me levam a recomendar esse trabalho a todos os apreciadores dos romances históricos que envolvam a América Pré-Colombiana, é preciso comentar brevemente a única falha que considerarei grave: a decisão da autora de *traduzir* os topônimos e nomes próprios originais do quíchua para o inglês. Deste modo, "Cuzco" tornou-se "Navel" ["Umbigo"]; "Atahualpa" virou "Exemplary Fortune"; "Huáscar" tornou-se "Cable"; e assim por diante.

O ponto de divergência é a ausência de Atahualpa da corte imperial em Quito à época da morte de seu pai, o imperador Huayna Capac, vítima de uma epidemia de varíola, moléstia de origem européia que atingiu o Peru antes dos próprios conquistadores castelhanos. Como em NLH, o príncipe herdeiro escolhido pelo imperador também tomba vítima da mesma epidemia poucas semanas depois de assumir o trono, levando o Império a uma grave crise sucessória. Segundo Blom, essa epidemia teria vitimado um quarto da população do Império.

Quando o imperador morre, Atahualpa está ausente da corte no cumprimento de uma missão vital: investigar o aparecimento de dois estrangeiros brancos e barbudos num vilarejo do litoral do Pacífico. Em NLH, esses dois mercenários castelhanos — desembarcados por Pizarro em sua primeira exploração da costa peruana — foram mortos pelos habitantes do vilarejo. Nesta LHA, Atahualpa captura os estrangeiros e tenta conduzi-los até Quito. A caminho da corte, o príncipe é informado da morte do pai e então decide

<sup>5</sup> "Lion Time in Timbuctoo" [Robert Silverberg]; "At the Sign of the Rose" [John Brunner] e "An Exaltation of Spiders" [Chelsea Quinn Yarbro].

conduzir os cativos para Cuzco, a fim de apresentá-los ao novo imperador. Quando Atahualpa chega enfim à capital do Império, encontra seu meio-irmão Huáscar já entronizado como imperador, após a morte do outro meio-irmão, que só permaneceu no trono por duas semanas.

Considerando Atahualpa uma ameaça, Huáscar bane o meio-irmão para longe, nomeando-o como governador de uma província insignificante na fronteira sul do Império. Atahualpa cumpre as ordens do irmão, levando consigo um dos castelhanos irascíveis.

O tempo passa e o novo governador conquista pouco a pouco a confiança da população da província, que estava prestes a se rebelar quando ele assumiu o cargo. Atahualpa também tem êxito em convencer o mercenário castelhano a ensinar novas técnicas de combate europeias ao exército imperial.

O clímax do romance ocorre vários anos mais tarde, quando os conquistadores castelhanos finalmente invadem o Peru e, após as primeiras derrotas imperiais, Huáscar decide convocar Atahualpa como conselheiro militar, na qualidade de especialista em invasores castelhanos.

No todo, para um romance de estréia, *Inca* é muito bem escrito e constitui leitura das mais agradáveis, indicada sobretudo aos amantes da História Pré-Colombiana. Contudo, como romance, apresenta uma série de pontos sem nó, indícios seguros da intenção da autora de elaborar uma estrutura multivolume. Por exemplo: embora treinados à exaustão nas táticas europeias de combate de infantaria, as milícias provinciais não chegam a engajar contra os conquistadores. Há também vários trechos de *background*, inclusive sob a forma de mapas, abordados apenas *en passant* ou sequer usados nesse primeiro romance. Estes indícios e mais o subtítulo *The Scarlet Fringe* apontam para a vinda de novos romances em continuação a esse primeiro. Esta estrutura multivolume deverá ser posta em prática, caso as vendas do primeiro romance ultrapassem um determinado patamar crítico.

*Inca — The Scarlet Fringe* termina exatamente depois do primeiro engajamento entre o elite da infantaria imperial e a cavalaria castelhana. Pergunto-me como os incas irão enfrentar a ameaça castelhana; se conseguirão expelir esta primeira onda de invasores e, neste caso, como se darão as invasões seguintes, que certamente virão no rastro de um possível fracasso da primeira tentativa de conquista.

Por estes motivos, estou ávido para que Suzanne Blom lance logo seu próximo romance nesta LHA.

---

*Enquanto isto, numa Linha Histórica Alternativa não muito longe daqui...*

## O APAGÃO QUE VEIO DO CÉU

□ Carlos Orsi Martinho

(Argumento: O Brasil é a maior superpotência do planeta num Universo análogo ao do filme *Deep Impact*.)

Pronunciamento do presidente Fernando Henrique Cardoso:

"Há três anos, cientistas independentes detectaram um asteroide gigante em rota de colisão com a Terra. Mas os cientistas do governo diziam que não havia perigo, portanto não havia perigo.

"No entanto, recentemente constatamos, por coincidência, que havia, realmente, um asteroide em rota de colisão com a Terra. Mas havia uma chance de que ele se desviasse sozinho, e por isso não fizemos nada a respeito. Agora que essa chance chegou a zero, decidimos agir com firmeza.

"Assim sendo, nomeio uma comissão plenipotenciária, chefiada por um economista, para checar a viabilidade financeira de um plano de deflexão do asteroide. A comissão tem exatamente uma semana para apresentar seu estudo, que depois será encaminhado aos órgãos técnicos competentes.

"No entanto, como o impacto está previsto para dentro de oito dias, elementos alarmistas da oposição vêm espalhando o boato, totalmente infundado, de que o fim do mundo é inevitável. Tal atitude gera incertezas nos mercados e é, portanto, inaceitável.

"O tempo é o senhor da razão.

"Boa-noite".

---

Comentários e sugestões sobre os temas de "Terras Alternativas" escreva para Gerson Lodi-Ribeiro, Caixa Postal 34071 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22462-970. E-mail: [glodir@unisys.com.br](mailto:glodir@unisys.com.br).

# ARTE FANTÁSTICA BRASILEIRA

Cesar Silva

## Eventos, Concursos e Perspectivas

### Festa dos quadrinhos nacionais

No último dia 10 de fevereiro foi realizado o evento anual de comemoração do Dia do Quadrinho Nacional, que abrigou a cerimônia de entrega de mais uma edição do Troféu Angelo Agostini para os melhores dos quadrinhos no Brasil, promoção patrocinada pela AQC-SP (Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas de São Paulo).

O evento esteve concorrido como sempre, desta vez realizado no salão de eventos da gibeteria Comix, lotado desde a manhã com várias palestras e exposições de vídeos. Os ganhadores escolhidos em votação direta pelos fãs e profissionais ligados a AQC foram Flávio Colin (desenhista), André Diniz (roteirista), revista *Fawcett*, editora Nona Arte (lançamento) e Edgard Guimarães (prêmio Jayme Cortez). Também foram homenageados mais três mestres da HQB: Ivan Watsh Rodrigues, Renato Canini e Edson Rontani (o primeiro fanzineiro do Brasil).

O grande ganhador do ano foi André Diniz, roteirista e editor da revista *Fawcett*, desenhada por Flávio Colin. Diniz compareceu à entrega e autografou exemplares para os leitores. O prêmio é merecido, pois Diniz vem realizando um trabalho maduro há muitos anos nos fanzines, desde o lançamento da série *Grandes Enigmas da Humanidade*. Com editora própria, está dando corpo profissional a seus projetos, do qual *Fawcett* é o segundo lançamento (o primeiro foi *Subversivos*, com desenhos de Laudo e Omar).

Também lá estiveram Álvaro de Moya, Rodolfo Zalla, Marcatti, Cariello e muitos outros. A palestra rápida de Moya foi o ponto alto do encontro, quem

não viu, perdeu um momento memorável. Também fomos surpreendidos com a presença ao vivo do mestre Julio Shimamoto, abduzido de Jacarepaguá pelo estúdio Ópera Graphica, que dele publicou os belíssimos álbuns *Sombras* (1999) e *Volúpia* (2000).

### Mais 2001

No dia 10 de abril foi lançada em São Paulo a antologia de humor gráfico 2001, *Uma Odisséia no Humor*, organizada por Mario Mastrotti e editada pela Editora Virgo (142 páginas, R\$15,00). Compareceram ao evento quinze dos autores participantes, o capista Antônio Pires, a dupla de prefaciadores Jal&Gual e muitos convidados importantes, como o Prof. Álvaro de Moya, a Prof. Sonia Luyten e a cartunista e artista plástica Conceição Cahú. Outros lançamentos regionais têm ocorrido conforme a atividade de cada autor, resultando num considerável volume de informação em diversas mídias, inclusive com um programa na TV São Caetano, exibido no dia 13 de abril com a presença de alguns cartunistas de São Paulo.

O livro apresenta mais de uma centena de cartuns e charges de 21 cartunistas profissionais. Cada cartunista abordou o tema a seu modo, sem qualquer censura. Alguns fizeram cartuns de FC, outros fizeram charges ligadas a situação social e política atual. O conjunto é equilibrado, com artistas de alto nível artístico, originários de várias partes do Brasil e até do estrangeiro. De São Paulo comparecem Agê, Bira, Cerito, Eder Santos, Gilmar, Heringer, Márcio Baraldi, Mastrotti, Moretti, Regisclci e Rocco. Do Rio de Janeiro, Alecrim. Do Paraná, Antonio

Eder e Tako X. De Minas Gerais, Edgard Guimarães. Da Paraíba, Fred. De Pernambuco, Lailson e Samuca. Do Rio Grande do Sul, Ronaldo Cunha Dias. Do Espírito Santo, Zappa. E da Argentina, Sergio Más.

O esquema de cooperativa, já usado pela Virgo no ano passado na antologia *HumorBrasil 500 Anos*, é a pedra de toque do projeto, pois proporciona uma produção gráfica impecável e distribuição rápida.

A antologia não será distribuída às livrarias, mas pode ser adquirida pela internet através do site [www.humorbrasil.8m.com](http://www.humorbrasil.8m.com), assim como a antologia *Humor Brasil 500 Anos*, lançada em 2000.

A editora já prepara uma outra antologia de cartuns, desta vez o tema será a Paz, e deve ser lançada em meados do segundo semestre. Outra novidade para 2001, que pode ou não decolar, está sendo cozida pela editora: uma antologia não-temática de FC. Em breve começarão a rolar as circulares.

### Nautilus

Depois de ter desaparecido nas profundezas oceânicas, ressurge a nau insensata. E deste vez chega arrepiando, em parceria com a Meia Sete Editora na revista *Sci-Fi News*, que publicou em sua edição de abril o novo regulamento deste concurso realizado pela primeira vez em 1999 por iniciativa dos fãs. A editora oferece DVDs, fitas VHS e livros para os três primeiros colocados em cada categoria, que são Ficção geral, Ficção sci-fi, Ilustrações de ficção geral e Ilustrações sci-fi. Ainda acena a possibilidade de publicar um livro com os vencedores da cate-

goria de Ficção geral.

A data limite de inscrição é 16 de julho de 2001 e os candidatos podem enviar até dois trabalhos em cada categoria. Maiores informações com a Meia Sete Editora, cx. postal 41689, São Paulo/SP, 05422-970, ou pelo e-mail do concurso: [concurso@scifinews.com.br](mailto:concurso@scifinews.com.br). O nome de Prêmio "Humberto Fimiani", usado na primeira edição como homenagem ao ex-presidente do CLFC, foi devidamente limado.

#### Vida fora da Terra

O programa *ABC Brasil* da TV São Caetano, que pode ser sintonizado no canal 45 UHF no ABC paulista e algumas regiões da capital, apresentou no dia 5 de abril o tema "Há vida fora da Terra?", com a presença de três ufólogos: Claudeir Covo (Revista *UFO*), Rodolfo Heltai (Grupo Andrômeda) e Aldo Novak (Revista *Quark*).

A produção pretendia ter na mesa pelo menos um debatedor que falasse de FC e por isso chegou a me convidar, mas com problemas pessoais não pude comparecer. A presença do editor da *Quark* foi uma indicação minha, para representar a FC na mesa. Infelizmente, este nem pareceu ser editor de uma revista de FC, pois não tocou no assunto. Falou apenas de ufologia e de como o assunto aparecia na *Quark*. Que decepção. Pelo menos desta vez ninguém disse ter sido abduzido...

Falei posteriormente com a produção e sugeri que eles retomassem o assunto num outro programa, desta vez com astrônomos e fãs de FC, para que o público tenha uma outra visão do tema. Eles gostaram.

#### CLFC nas revistas

Desde o mês de abril que duas revistas de sci-fi nacionais estão disputando a atenção do CLFC em suas pautas. A revista *Quark* saiu na frente, ao propor uma permuta de divulgação com o Clube, que evoluiu para uma espécie de editoria literária, na qual o CLFC avalizaria contos para serem publicados na revis-

ta, o que foi anunciado na edição de março. A edição de abril chegou às bancas com um encarte literário em papel linha d'água publicando um conto de André Carneiro e uma HQ do Mozart Couto, mas nenhum desses materiais foi indicação do Clube.

O anúncio da permuta saiu. Nele, uma novidade: o CLFC optou por não divulgar suas reuniões no Clube dos Engenheiros Ferroviários, na estação da Luz. Agora irá recepcionar seus novos filiados nas também tradicionais Noites da Pizza.

A *Sci-Fi News* propôs um *affair* mais íntimo, liberando duas páginas por edição para que o CLFC publique resenhas sobre livros, coluna esta que estreou na edição de abril com um artigo assinado por Gerson Lodi-Ribeiro resenhando os lançamentos nacionais de 2000. Na edição de maio o encargo passou para minhas mãos e, por falta de outro lançamento mais relevante, falei sobre a antologia de cartuns comentada acima. Para a próxima edição enviei um artigo sobre a *Coleção Terra Incognita*, da Editora Ano-Luz. Quem quiser propor sugestões de pauta ou enviar livros para serem resenhados, entre em contato comigo pelo e-mail [cerito@osite.com.br](mailto:cerito@osite.com.br) ou pelo telefone (011)4121-6026.

#### Relançamento do Intempol

No dia 25 de agosto de 2001 vai acontecer no salão de eventos da Comix Book Shop (Alameda Jaú, 1998, São Paulo/SP) o relançamento do livro *Intempol: Uma Antologia de Contos Sobre Viagens no Tempo*, organizada por Octávio Aragão para a Editora Ano-Luz. Este livro foi lançado no final de 2000 na cidade do Rio de Janeiro, e será a primeira vez que os autores envolvidos na sua produção estarão em São Paulo para falar da obra.

Nas palavras de Aragão, "a Intempol é o braço brasileiro de uma polícia internacional do tempo. Os agentes da Intempol correm atrás de criminosos que querem mudar a história mas, diferente do filme *Timecop*, por

exemplo, são corruptos, atrapalhados, canalhas e muito, muito metidos a espertos."

O livro tem dez histórias de diferentes autores ambientadas no universo da Intempol. Um dos contos - "Um Museu de Velhas Novidades", ganhou o segundo lugar no prêmio Nautilus de Ficção Científica, um concurso realizado em 1999. O livro foi agraciado com outro prêmio, de melhor lançamento de Ficção Científica & Fantasia de 2000, pela Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF), que será entregue durante este evento.

O projeto Intempol envolve muito mais que esse livro. Está em produção um RPG que deve ser publicado em breve, um desenho animado, uma *grafic novel* e um jogo digital em cd-rom para computador.

Quem quiser saber mais ou pegar - *de graça* - brindes como papel de parede da Intempol para seu microcomputador e ver o filme animado para divulgação pode ir para [www.animagraph.com.br](http://www.animagraph.com.br). E pra quem quiser entender o projeto como um todo, pode dar um pulo em [www.intempol.com.br](http://www.intempol.com.br).

Programação do evento:

12 horas: Exibição do vídeo "A Maleta Preta" episódio da série *Galeria do Terror*.

13 horas: Palestra "O projeto Intempol", com Octávio Aragão;

14 horas: Painel "Como construímos a Intempol" com Octávio Aragão, Gerson Lodi-Ribeiro, Fabio Fernandes e Carlos Orsi Martinho.

15 horas: Painel "Outras viagens no tempo", organizada pelo Clube de Leitores de Ficção Científica.

16 horas: Entrega do Prêmio SBAF seguida de seção de autógrafos com os autores presentes.

---

Comentários e sugestões para "Arte Fantástica Brasileira", escreva para Cesar Silva: Caixa Postal 375 - Santo André, SP - CEP 09001-970. E-mail: [cerito@osite.com.br](mailto:cerito@osite.com.br).

---



## Abaixo o "esquemão"

☒ Recebi a edição de número 60 do *Megalon* e devo dizer que fiquei muito feliz em ter minha HQ publicada nas páginas do zine, espero que ela agrade aos leitores.

Este número do *Megalon* está muito bom, sobretudo o artigo do Causo e a coluna de Cesar Silva, um espaço interessante, onde podemos acompanhar a visão crítica, madura e sofisticada desses dois talentos sobre as produções recentes do fandom brasileiro. Sinto falta de artigos desse nível nas ditas revistas de FC que atualmente circulam nas bancas, pois em grande parte publicam artigos superficiais e rendem-se ao esquemão da FC "roliudiana", a *Quark* que começou como promessa já virou decepção... preferia quando era fanzine... inclusive publiquei capas e participei com uma HQ (elogiada por muita gente-inclusive na seção de cartas) do número zero da revista de banca, depois disso o núcleo de produção da revista mudou e os editores nem sequer respondem mais aos meus e-mails, acho isso uma falta de respeito, não estou querendo que me publiquem, só que me respondam, pois antes de virar revista fui procurado muitas vezes para colaborar e o fiz com muita disposição.

**Edgar Franco**

Rua Luzitania, 1537/72  
13015-122 Campinas, SP  
edgarf@iar.unicamp.br

## Antes o "esquemão" do que nada

☒ Grato por publicar o artigo da Finisia e o meu. As chances do Alvim Corrêa tornar a ser publicado pela Nova Fronteira diminuíram muito agora, por conta de uma nova edição de *A Guerra dos Mundos*, acho que pela Nova Alexandria.

Estive com Marcelo Baldini há pouco tempo, e ele me disse que seu projeto para a *Quark* era transformar o então fanzine, com sua ênfase em ficção, numa revista profissional. Mas depois de fazer uma pesquisa de mercado, foi informado que algo assim não teria boa receptividade, e por isso ele optou pelo mediazine com alguma ficção. Se alguma coisa é melhor que nenhuma, palmas para ele e sua equipe. De qualquer forma, trata-se de uma decisão comercial ponderada. Pode-se contestar a competência do produto final, mas não se pode contestar que eles estão buscando a sua melhoria.

O último esforço nesse sentido, aliás, foi um acordo estabelecido com o Clube de Leitores de Ficção Científica, no sentido de que o CLFC selecione e endosse a ficção publicada na revista, o que deve garantir um salto de qualidade na FC, fantasia e horror nacionais publicada em suas páginas. É bom lembrar que a última vez que o clube teve alguma relação mais estreita com uma publicação profissional foi com a *Isaac Asimov Magazine*, e que o acordo proposto por Baldini supera em muito esse relacionamento, devendo inclusive redundar em alguma publicidade institucional para o CLFC — que anda realmente necessitado de algo assim. A *Quark* estaria ajudando, também, a substanciar o fandom brasileiro, e não só a FC brasileira.

Correndo por fora, a *Quark* está fazendo o que o então Grupo Pecas se propôs, e talvez haja aí um ponto sensível. Pode-se argumentar que não se trata de uma revista de FC realmente, mas uma que publica ficção como algo secundário (mais ou menos como a *Dragão Brasil* fez há alguns anos), mas continua sendo a única publicação trazendo FC e fantasia regularmente para o público brasileiro. Eu mesmo tentei transformar a Coleção Império numa revista, e falhei. Nem por isso vou deixar de reconhecer o valor da iniciativa de Baldini e Aldo Novak. Vamos torcer também para que o pessoal do Perry Rhodan Fã-Clube do Brasil consiga trazer a série de volta, ainda que concentrar as vendas apenas num sistema de assinatura não me parece muito viável, comercialmente. Seria mais uma prova de que o futuro da FC no Brasil está nas mãos dos fãs.

Preciso também agradecer, mais uma vez, as palavras amáveis da Carla com respeito ao meu conto "A Parte Deles", publicado no *Megalon* 59. Falta agora convocar as moças pra fornecerem as suas visões do tema.

**Roberto de Sousa Causo**

Rua Andre Dreifuss, 109 Ap 163 Bl 2  
01252-010 São Paulo, SP  
rscauso@yahoo.com.br

## Passando a limpo

☒ Depois de muito tempo, enfim li o *Megalon* de uma vez só. Normalmente leio aos pedacinhos, um artigo, depois um conto, e aí chega outro e começo tudo de novo. Desta vez eu quis ler tudo e aproveitei umas viagens de ônibus para tal.

Gostei da capa. Muito boa mesmo. A contra-capla, infelizmente, não saiu bem no PB. O mesmo ilustrador que fez a maravilha da capa deve ter feito outra nessa ilustração, que ficou prejudicada pelo alto contraste. Você deveria tê-la interpretado pelo menos em meio tom, pois virou um borrão que não se identifica nada.

Do material interno, gostei do artigo do Causo, que fez um apanhado de diversas coisas que eu não pude acompanhar no ano passado, fiquei satisfeito por tê-lo publicado. O artigo da Finisia não me causou o mesmo efeito, achei-o um tanto óbvio. O que ela diz do *X-Men* é algo que eu já li algumas dezenas de vezes ao longo do tempo em que esses super-heróis me interessavam. Hoje acho que essa proposta do filme, de querer levantar a bola sobre a intolerância, enfraqueceu muito, atropelada pela própria realidade. Afinal, não é preciso uma FC, no caso Sci-Fi, para nos lembrar de uma coisa que está no nosso dia a dia e aparece toda a hora na TV, nos noticiários, de forma muito mais contundente e objetiva. Na minha opinião, o *X-Men* (filme e quadrinhos) são hoje uma bobagem sem tamanho, nem mereciam esse destaque.

A série do Gerson é a surpresa de sempre. Uma beleza de pesquisa, que me empolga e frustra ao mesmo tempo. Afinal, não leio em inglês. Em geral aplaudo a presença de quadrinhos nos fanzines de FC, e gosto dos trabalhos do Edgar. Entretanto ele está ficando um tanto repetitivo, as HQs dele falam sempre das mesmas coisas e quase sempre do mesmo jeito. Ficam parecendo que são todas a mesma história, que a gente já leu em outros fanzines. Mas como diriam alguns, é questão de proposta. Toca em frente.

Dos contos, não posso dizer que gostei. "Mahout", de VanderMeer, está bem escrito e chegou a me tocar, mas o impacto da obra sobre mim foi uma depressão intensa. E não posso dizer que gosto de me deprimir. A tradução do Keppler está aceitável, apesar de algumas figuras meio esquisitas na nossa língua, que poderiam ter sido apuradas. A noveleta do Frota não me emocionou. É longa demais, fragmentada demais. Eu não consegui me identificar com nada e as citações ao filme do Kubrick e a presença do próprio autor, sob um pseudônimo que a lista do CLFC lhe deu há alguns anos, quebravam sucessivamente o frágil ambiente que ele se esforçou em criar. Ele não soube usar o ambiente nativo para dar corpo à história e a presença dos detalhes do universo intempoliano ficaram superficiais, quase forçados.

O universo da Intempol só me empolgou, até hoje, nos trabalhos do próprio Octavio, que demonstra ter controle total sobre os mecanismos do universo que criou. Os outros, no máximo, conseguem obedecê-los, mas fica com jeitão de brincadeira, de "fanfic", não contribuem para o escopo geral que o Octavio alinhou nos seus dois contos publicados. Mas o Frota demonstrou ter evoluído no texto, que está mais ajustado que nos seus trabalhos iniciais. Ainda precisa evoluir, superar as ferramentas ultrapassadas da narrativa fantástica, como o uso recorrente de períodos repetidos. É isso.

**Cesar Silva**

Caixa Postal 375

09001-970 Santo André, SP

cerito@osite.com.br

✉ Marcello, aqui estão os comentários sobre o *Megalon* 60.

O "Mosaico" do Causo foi interessante, e meio melancólico; o "De Volta ao Fandom" do Cerito pode ser visto como um tema paralelo a esse, mais focado nos fãs, enquanto o Causo abordou a FCB mais do ponto de vista do "mundo em geral". Juntando ambos, a imagem que fica não está muito animadora, mas também não é desesperadora. De certo modo, no fim das contas (só que ele está no começo, para confundir...), o "Diário do Fandom" nos leva de volta ao dia-a-dia da FC.

Quando o *Megalon* 60 saiu, em março, não tinha me dado conta, mas o tema do Edgar Franco está bem dentro de um assunto lembrado no "período de validade" do zine: O Dia das Mães. Não sei se foi essa sua intenção, mas como novo *Megalon* só depois de maio, ficou a contraposição... Os desenhos, muito bons como sempre, mas a mensagem escrita no final não parece corresponder à história apresentada.

O conto do Hidemberg Alves da Frota eu entendo, mas não tão bem o do Jeff Vandermeer: O motivo de publicar contos traduzidos seria devido à pouca quantidade de FC traduzida publicada no Brasil hoje em dia (pois isto seria mais natural numa revista "profissional", e não num fanzine)?

Bom, acho que agora posso receber o *Megalon* 61 com a consciência tranqüila...

**Alexandre Yudenitsch**

Caixa Postal 4613

01061-970 São Paulo, SP

[alexyu@post1.com](mailto:alexyu@post1.com)

**O editor responde:** Alexandre, respondendo às suas perguntas. Sobre a HQ do Edgar Franco: sim, você foi perspicaz, foi uma homenagem ao Dia das Mães. Quanto à publicação de contos estrangeiros: publico-os pela sua qualidade, para manter a publicação em intercâmbio internacional com outras comunidades e também divulgar a nossa FC e, em terceiro lugar, de fato, devido à diminuição de envio de contos nacionais para o fanzine.

MEGALON

